

ENTRE OS PINGOS DA CHUVA

R Tavares

Rafaela Costa

Samuel Zurrapa

Sara Dionísio

Neuza da Silva Matias

Pedro Filipe Nunes

Mariana Silva

Marta Basílio Pereira

Maddalena Aguiar

Maria Inês Lourenço

Diana Rodrigues

Luna

Daniel S. Costa

Daniela Moreno

BERTO

Catarina da Silva

Ana Vercesi

André Gil



Exposição no CCC Caldas da Rainha

9 de Julho – 30 de Agosto 2026

Entre pingos de uma parceria, CCC e ESAD.CR

O CCC, enquanto estrutura cultural aberta à comunidade, tem pautado a sua ação numa lógica de **aproximação a vários parceiros das Caldas da Rainha**. Um caminho que consideramos fundamental para alavancar resultados, permitindo proximidade efetiva, ganhos mútuos e o fortalecimento de identidades, assim como a **promoção do conhecimento e da diversidade**.

A ESAD.CR, enquanto Escola Superior de Artes e Design tem sido um parceiro privilegiado do CCC, pelo conjunto de atividades desenvolvidas neste espírito colaborativo. Acontece no **acolhimento de espetáculos de teatro de alunos finalistas**, bem como no acolhimento do **Connect Fest, uma mostra multidisciplinar** de fotografia, cinema e som, que aproxima a comunidade académica da realidade artística.

No que se refere ao apoio à criação, o CCC dá anualmente um contributo importante para a realização das **residências artísticas MASI** (Mestrado em Artes do Som e da Imagem), cujos trabalhos finais são apresentados em cada edição do **iINTERVALOS, encontro e mostra de cinema**, que já vai na sua 2.ª edição. Um “retiro cinéfilo” de 3 dias para discutir e analisar o cinema português, onde confluem também vontades e envolvimento mútuo.

Para além destas e de outras pontuais, registamos igualmente nesta parceria, o acolhimento desta **exposição “Entre os Pingos da Chuva”**, com trabalhos de estudantes finalistas do mestrado em Artes Plásticas da ESAD.CR, num momento de transição do curso, entre a prática e a escrita, entre o final de um ciclo de estudos e o momento seguinte. Uma iniciativa que faz igualmente parte do calendário de programação anual do CCC.

Como se vê, estamos perante **ações concretas de trabalho conjunto**, procurando proporcionar a construção de plataformas de exibição para alunos finalistas e artistas, por entre pingos de cooperação, entendimento e de vontade criativa.

Mário Branquinho

Diretor Artístico do CCC



Exposição na Fundação D. Luís I, Cascais

5 de Setembro – 1 de Novembro 2026

A parceria entre a Fundação D. Luís I e a ESAD.CR – Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha inscreve-se num compromisso comum com a promoção, investigação e difusão da arte contemporânea em Portugal. No contexto da exposição *Entre os pingos da chuva*, esta colaboração materializa-se como um espaço de continuidade entre formação académica e prática profissional, criando condições reais de visibilidade para artistas emergentes num momento decisivo dos seus percursos.

Ao acolher a mostra no Centro Cultural de Cascais, a Fundação D. Luís I amplia o alcance do trabalho desenvolvido na ESAD.CR, promovendo o contacto entre os finalistas do mestrado em Artes Plásticas e públicos diversificados, bem como a inserção destes jovens artistas em circuitos institucionais mais alargados. Como é assinalado pela coordenadora Ana João Romana, esta articulação entre Caldas da Rainha e Cascais não só expressa a preocupação itinerante da exposição, mas também propicia um diálogo entre diferentes contextos culturais e geográficos, potenciando leituras múltiplas das obras apresentadas.

Na verdade, a ESAD.CR reafirma, através desta parceria, a sua vocação para uma prática artística crítica e experimental, sustentada na investigação e no cruzamento disciplinar. O envolvimento do LiDA – Laboratório de Investigação em Design e Artes na produção da publicação associada à exposição evidencia ainda a importância da reflexão teórica e da *art based research* como dimensões indissociáveis da criação artística contemporânea.

Deste modo, a colaboração entre a Fundação D. Luís I e a ESAD.CR ultrapassa a simples apresentação expositiva, configurando-se como uma plataforma de transição e afirmação para novos artistas, enquanto contribui para o fortalecimento do tecido cultural e artístico nacional.

O Conselho Directivo da Fundação D. Luís I



FUNDAÇÃO
D. LUÍS

CASCAIS
Para toda a vida





Compressão de visões

Um demiurgo é um construtor do cosmos, o ditador de um mundo, um universo.

O demiurgo é o construtor de uma realidade. Sou demiurgo, a vontade que cria um cosmos, um demiurgo que partilha a sua criação com outras entidades pares.

Estes, por sua vez, habitam esta realidade em manifestações de uma imaginação coletiva.

Procuo a transladação desse corpo cósmico para o nosso mundo, da mesma forma que o nosso mundo é refletido nesse cosmos mental.

Encontramos em tudo o que vemos fontes de inspiração, pontos de origem, uma folha cai e um castelo é construído nas planícies do mundo mental, o café gira na caneca e grandes árvores que agarram o céu crescem nas florestas fictícias.

O real submergido no subconsciente, transformado em fantasia, todo encharcado de ideias, todas as ideias às quais consigo estender os meus longos dedos de demiurgo, e certamente também aquelas que escapam das minhas palmas.

Criar um cosmos é uma viagem num mundo interno que se desdobra, uma projeção de um domínio privado que se espalha pela nossa realidade, ganha forma, cresce, multiplica-se e invade a mente de outros, como a explosão de uma estrela. É um reflexo do mundo desenhado pelos meus olhos, tal como todos desenhamos. Virar do avesso o que tenho por dentro, para que todos façam parte do mundo interno.

Iremos, todos, ser um nos reflexos da casa de espelhos infinita do universo, neste reflexo das vidas humanas, uma massa de mentes unidas, um leviatã.

É um lugar de isolamento e partilha, porque dentro do castelo de reflexões, ninguém realmente se vê diretamente, não sem esforço, sem caminhar pelos corredores infinitos de imagens multiplicadas.

Uma instalação-mundo é um reflexo do mundo de Níia, o mundo que reflete o interior da minha mente e o exterior do mundo presente.

É tudo uma questão de perspetiva, dependendo do nosso ponto de vista, tudo pode parecer diferente. Ao forçar os olhos no meu cérebro, fujo às correntes e a uma única visão, ao multiplicar os pontos de vista como fractais de um diamante.

olé,

lagartixa,

tenho sono.

será que os cangurus guardam itens pessoais onde guardam os filhos? será que as bolsas dos bancos de trás dos carros são inspiradas num canguru? uma vez que parecem um canguru espalmado.... será que ambos os cangurus, fêmea e macho, têm bolsas? será que o conceito de bolsas surgiu através dos cangurus? e os filhotes? nascem como e onde? há algum túnel que os liga diretamente à bolsa, ou são miraculosamente transportados para lá?

porque é que há bichos que metem ovos e nós não? assim podíamos não dar à luz, dávamos ao ovo, e se dávamos ao ovo não dávamos à sola, não fugíamos.

pronto, continuo com sono e isto não está a ajudar.

já sei,

abre-se a bolsa de canguru.

fecha-se a bolsa de canguru.

[insere óculos e tubo de mergulho]

imaginemos o mar, o mar é gigante, cá fora é só plano, mas depois há MILHÕES de bichos lá em baixo. aposto que no fundo dos fundos do mar (há fundo do mar?) há peixes gigantes, tipo peixes dinossauros.

aposto que há peixes dinossauros, e megalodons.

imaginem agora estarem em cima de um penhasco, ou num sítio qualquer onde consigam ver o mar em panorama. tudo no horizonte dos olhos é mar, e do NADA, veem um peixe dinossauro GIGANTE a sair do mar e a mergulhar outra vez, patchau...

o Sr. que veio hoje falar à aula disse “nada é impossível”, portanto, tudo o que eu disse aqui é possível. é possível ver um dinossauro peixe gigante a voar pelo mar fora.

é muito complicado ter sono.

será que morrer é dormir para sempre?

se for, é gostoso, mas como é que vou saber se é gostoso se nunca mais vou acordar? se calhar cada sono são pequenas mortes saborosas.

nhamiiiiiiii.

agora tenho sono e fome.



Todas as vozes e as muitas derivas, entre os pingos da chuva

200

Sento-me à mesa de trabalho, destapo a máquina de escrever vou começar o meu retrato. Escrevo: Não vivo no meu endereço. Nunca vivi no endereço que dei. A singularidade da minha experiência reside na observância da singularidade da sua percepção. Paro e leio o que escrevi. Depois acrescento: A história do mundo atravessa-me.

TISANAS, ANA HATHERLY¹

Almada Negreiros, Álvaro Lapa, Júlio Pomar, Ernesto de Sousa, Salette Tavares, Ana Hatherly, Alberto Carneiro, Mattia Denisse, Isabel Carvalho, André Romão, Ana Mata, Inês Ferreira-Norman, entre muitos outros exemplos, os.as artistas escrevem e essas escritas acompanham, passo a passo ou a descompasso, o que os.as fascina e o que acontece no atelier.

Interpreto à letra a expressão “Escritos de artista”: sim, no plural, escritos, seja qual for a sua natureza e conteúdo, redigidos por um.a artista que escreve sobre a sua prática de atelier, sobre as suas referências electivas (e afectivas), sobre o que aprende e ensaia em termos de processos e técnicas. Escreve expondo episódios e factos biográficos ou deles se esquivando, analisa-se ou fantasia-se uma autobiografia singular que pode não coincidir com a autobiografia da.o artista que escreve. E, tal como Rui Chafes, ao desenhar uma linhagem é-se livre para asseverar um miraculoso nascimento em 1266.² Como diz o Xana, o homeoestético, parafraseando Rimbaud e Ramos Rosa, *arte é liberdade livre*³ e a.o artista é livre, revela-se ou oculta-se livremente.

O que se escreve não é necessariamente partilhado na esfera pública e, em alguns casos, os documentos são conhecidos e/ou publicados após a morte. Há espólios ou arquivos contendo correspondências postais, que incluem confidências sobre as dúvidas que o trabalho de atelier suscita, partilhando sobre o quanto a pintura é uma coisa íntima (*a mais íntima de todas*)⁴ e como está ligada ao dia-a-dia e aspectos comezinhos da vida, como momentos de dificuldades financeiras.

1 Hatherly, Ana (2024). *Tisanas*. Lisboa: Assírio & Alvim.

2 Chafes, Rui (2012) “A história da minha vida”. In, *Entre o céu e a terra*. Lisboa: Documenta/Sistema Solar.

3 Alves Barata, Alexandre (2018) AMOR, LIBERDADE e SABEDORIA - *Dialética de uma construção visual*. Tese de Doutoramento em Doutoramento em Comunicação, Cultura e Artes, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve. P. 70 e 211

4 Menez, Pomar (2022) *Menez | Pomar, Cartas*. (Coord. Editorial Sara Antónia Matos e Pedro Faro). Lisboa: Atelier-Museu Júlio Pomar e Documenta/Sistema Solar.

Os.As artistas redigem manifestos, regras, todo o tipo de listas e de receitas, e a escrita é tanto trabalho de atelier como tudo o resto. Quando apaixonados pela obra de outros.as traduzem-nos.as e publicam-nos.as, como o faz exemplarmente Catarina Marques Domingues que, juntamente com Ricardo Ribeiro, fundou *Sr. Teste, livros e leituras*. Os.As artistas escrevem letras de música pop⁵, prosa e poesia⁶, textos curatoriais e artigos de investigação, uma multiplicidade de vozes que reflete *uma vida em caleidoscópio infinito*⁷, palavras certas de Ana Anacleto ao iniciar a conversa “Artistas e seus modos de produção e organização”⁸. Escrevem também muitas candidaturas e propostas, esta burocracia sem fim que pesa sobre os trabalhadores precários, mas este texto não é sobre isso. Sublinhando esses numerosos desdobramentos, a primeira frase de *Conversas infinitas: a curadoria como uma narrativa de relações*, Orlando Franco afirma, *Escrevo a partir de um lugar híbrido, conscientemente instável, entre o trabalho enquanto artista visual, o artista-professor e prática da curadoria*.⁹

Quem associa a prática artística ao exercício da docência, como Manuel Botelho, questiona-se sobre se poderá *a arte ser ensinada*¹⁰, reflete sobre como e o quê se ensina (*tarefa impossível e fascinante*¹¹), cuidando do ritmo da aprendizagem de cada um.a, como se ouve e como se comunica em frutuoso debate, com a consciência de que *o ensino é um território instável e evolutivo*¹².

Em Portugal, nos últimos anos, há um crescente interesse por estas variadas escritas por parte de historiadores¹³ todavia, opto por destacar dois projectos editoriais recentes fundados por artistas, em contextos muito diferentes: o *Inland Journal* e *Escritas : Manifestos*.¹⁴

A propósito de *Guardar os olhos no bolso, uma exposição, 35 edições*, organizada no Atelier-Museu Júlio Pomar, momento em que foi lançado o número 35 do *Inland Journal*, contendo notas de trabalho e desenhos de Pomar, Sara Antónia Matos e Pedro Faro comentam

(...) esta exposição trouxe à tona as múltiplas conexões entre arte e palavra escrita (...) o *Inland Journal* sedimenta a importância dos textos de artistas, reconhecendo-os como veículo indispensável das suas vozes próprias, sem interferência ou crivos de mediação.¹⁵

5 Como, por exemplo, o prolífico Fernando Brito.

6 Embora seja um assunto que me-é muito caro aqui não abordarei a escrita que é desenho, a poesia visual, tal como não será possível debruçar-me sobre as.os artistas que editam e publicam por ser um assunto vasto e que excede o escopo desta reflexão.

7 Afonso, Baraona, Gaudêncio, Vieira (2024) “Reflexões sobre o seminário e actividades complementares”. In, *Sobre a Natureza e as causas da autonomia dos artistas – 2.ª Edição*. Coord. Editorial: Lígia Afonso, Isabel Baraona, Susana Gaudêncio e Flávia Vieira. Caldas da Rainha/Guimarães: LIDA/Lab2pt. P. 4.

8 Seminário “Sobre a natureza e as causas da autonomia dos artistas – 2.ª edição”, Mesa redonda com Eduardo Matos, Filipa Valladares e Salomé Lamas, moderação de Ana Anacleto, ESAD.CR | IPLeiria.

9 Franco, Orlando (2026) *Conversas Infinitas, a curadoria como uma narrativa de relações*. Caldas da Rainha: LiDA | ESAD.CR. P. 3.

10 Botelho, Manuel (2021) *Ateliês e Tutoriais: Reflexões sobre o Ensino da Arte*. Lisboa: CIEBA | FBAUL.

11 Idem, P. 34.

12 Idem,P. 30.

13 Para citar apenas uma referência bibliográfica incontornável: Rosendo, Catarina (2016) *Escritos de Artistas em Portugal, História de um esquecimento*. Lisboa: Documenta.

14 <https://lida.pt/research/escritas-manifestos/>

15 Matos, Sara Antónia e Faro, Pedro (2023) “Outros saberes guardados no bolso”. In, *Guardar os olhos no bolso, uma exposição, 35 edições*. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa e Atelier-Museu Júlio Pomar.

O *Inland Journal*, fundado por Eduardo Matos e André Cepeda, é um projecto editorial com características únicas, entre as quais destaco: a natureza singela e eficaz do objecto impresso, gratuito e sem periodicidade, com um elegante design concebido por Joana & Mariana; e a forma como o convite é feito, uma generosa e genuína carta-branca oferta aos artista, gesto precioso e, sobretudo, raro (mesmo nas colaborações entre artistas). Sempre pensei que esta disponibilidade dos editores, receptivos às mais variadas propostas, exige uma escuta fina e é sinal de coragem. Entre 2015 e 2023 foram impressos 38 números do *Inland Journal*, em 2023 foi publicado *Inland Journal, o Livro (2015-2023)*¹⁶. Na conversa publicada, Eduardo Matos explica

Os textos de artistas são em muitos casos pessoais e subjectivos, difíceis de catalogar e de carácter ensaístico. E se não os encontramos mais por aí é justamente porque não respondem a funções específicas (...). A esta realidade, acresce o facto de que nesta panóplia de catálogos, livros, textos de sala, textos críticos, e tudo o mais que se escreve sobre arte, está tudo normalizado, diria mesmo academizado por funções e hierarquias de poder, o que torna estes textos um tanto ou quanto estranhos, pouco precisos e indesejados aos olhos dos disciplinados.¹⁷

Disciplinada na preparação das matérias a leccionar mas porventura indisciplinada na escolha do material que apresento, ao organizar aulas expositivas leio, recorrentemente e em voz alta, excertos de testemunhos directos das.os artistas, sejam entrevistas ou escritos. Parece-me importante que as.os estudantes estejam atentas.os às mais variadas formas de pensar e conceber um discurso em torno do trabalho, ao vocabulário que se usa, e as relações que as obras têm com uma ampla família de referências conceptuais.

Esta experiência foi, em 2022, o ponto de partida para os cadernos *Escritas : Manifestos*¹⁸, inicialmente dedicados à tradução de entrevistas e escritos que não tivessem ainda sido traduzidos para a língua portuguesa. Face à complexidade das questões legais suscitadas em torno dos direitos de autor, o plano inicialmente traçado foi suspenso. Dada a qualidade das aulas abertas ministradas na ESAD.CR por artistas convidadas.os retomei, em 2025, estes cadernos que se organizam em duas linhas editoriais: a transcrição e edição de aulas abertas, fruto da cumplicidade com Miguel Ferrão; e a publicação de textos-manifestos originais redigidos por artistas e colegas das variadas áreas de estudo e cursos leccionados pela ESAD.CR, reunindo materiais coligidos na preparação de aulas, ensaios ou esboços para conferências, comunicações que não foram ainda alvo de edição, tal como resultados da investigação prática ou teórico-prática realizada no campo do Design e da Arte.

Gravar e transcrever, trabalhar o texto com a cumplicidade destas pessoas faz perdurar no tempo este discurso complexo e informado, permitindo, mais tarde, às.aos estudantes que não puderam estar presentes, aceder ao que foi partilhado na aula aberta. Este é um material precioso para que as.os jovens compreendam

16 AA.VV (2023) *Inland Journal, o Livro (2015-2023)*. Coord. Editorial Eduardo Matos e André Cepeda. Porto: Inland Journal Associação.

17 Idem. P. 13

18 <https://lida.pt/research/escritas-manifestos/>

a importância de se relacionarem de forma directa, e sem intermediários, com a obra e as/os artistas do seu tempo.

Neste momento, com o apoio do LiDA – Laboratório de Investigação em Design e Arte e da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia foram publicados 12 *Escritas : Manifestos* que estão disponíveis para consulta nos repositórios do LiDA e da Biblioteca da ESAD.CR.

Concluo com uma breve nota pessoal, quando era estudante registava infundáveis listas que tanto podiam elencar nomes de artistas, como obras, títulos de livros, citações, moradas de galerias e lojas, marcas de produtos que pretendia testar. Anotava todo o tipo ideias, curiosamente, muitas vezes descrevia em vez de esboçar; apontava receitas relacionadas com materiais e preparados para telas; escrevia sonhos e frases que ouvia nos transportes públicos.

Foi durante os anos em que me dediquei à escrita da tese de doutoramento e ao projecto prático desenvolvido nesse contexto, que compreendi a importância desses fragmentos esparsos e dispare. Nos cadernos que sobreviveram às fúrias de arrumação e às várias mudanças de casa (e de país), encontrei as linhas que me permitiram analisar o percurso que até então havia traçado. E compreendi que, em certos momentos, escrever e, sobretudo o exercício de descrever, revela-me “coisas” sobre o que tenho em mãos no atelier tornando claros aspectos que ainda não o eram. É no exercício de nomear e encontrar as palavras justas que lentamente encontro o ponto onde “aqueles” desenhos, ou “aquele” livro, existe e se funda. Praticar essa escuta comigo própria e as leituras em torno da vasta obra de Ana Hatherly permitiram-me abraçar as muitas vozes e as muitas escritas que neste momento, e de forma algo indisciplinada, coexistem no trabalho que faço.

Convido as/os estudantes a fazerem o mesmo, abrandar e ponderar sobre quais são as palavras a usar, os termos adequados para falarem sobre o que estão a pensar e a fazer, fazendo igualmente um ponto de situação sobre o momento presente, desapegando-se de ideias ou pontos de partida iniciais que, porventura, se distanciaram no desenvolver do trabalho. Trata-se de um exercício de introspecção e de auto-descoberta que, apesar do seu quinhão de angústia (que limite traçar para resguardar a intimidade?), gera a autoconfiança necessária à escrita da dissertação.

Termino como comecei, bebendo uma tisana de Hatherly

350

Vou. Por vezes um pouco cegamente estendendo a mão para a folha em branco. É o meu percurso, o meu trajecto máximo que retomo e retomo. Mas nada preenche o vazio essencial que a escrita revela.

TISANAS, ANA HATHERLY¹⁹

19 Hatherly, Ana (2024). *Tisanas*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Postscriptum Porque nem todas as pessoas têm facilidade em encontrar as palavras justas e em organizá-las sob a forma de nota(s) de intenções²⁰. Porque nem todos/as os/as artistas desembaraçadamente verbalizam um discurso em torno da sua prática. Porque saber expressar algumas das ideias-base sobre o que se faz e, em outros casos, defender o que se traz a público faz parte da vida activa de alguém que opera no meio artístico.

Porque saber apresentar o trabalho, instala-lo no espaço e falar sobre ele é um exercício fundamental no percurso formativo dos/as estudantes, e que se inicia no 1.º semestre do 1.º ano da Licenciatura em Artes Plásticas. Porque a escrita exige prática tal como o desenho, a pintura e tudo mais, no 1.º ano do Mestrado em Artes Plásticas desenvolvemos exercícios exploratórios para que cada estudante encontre a sua voz. Partilhamos uma versão simplificada de “Escrita Diarística”, exercício inicialmente lançado por Orlando Franco e Isabel Baraona, e excertos da autoria de Ana Vercesi, André Gil, BERTO, Catarina Silva, Daniel Costa, Daniela Moreno, Diana Rodrigues, Luna, Madalena Aguiar, Maria Inês Lourenço, Mariana Silva, Marta Basílio Pereira, Neuza Matias, Pedro Filipe Nunes, R Tavares, Rafaela Costa, Samuel Zurrapa e Sara Dionisio.

Escrita diarística (versão simplificada)

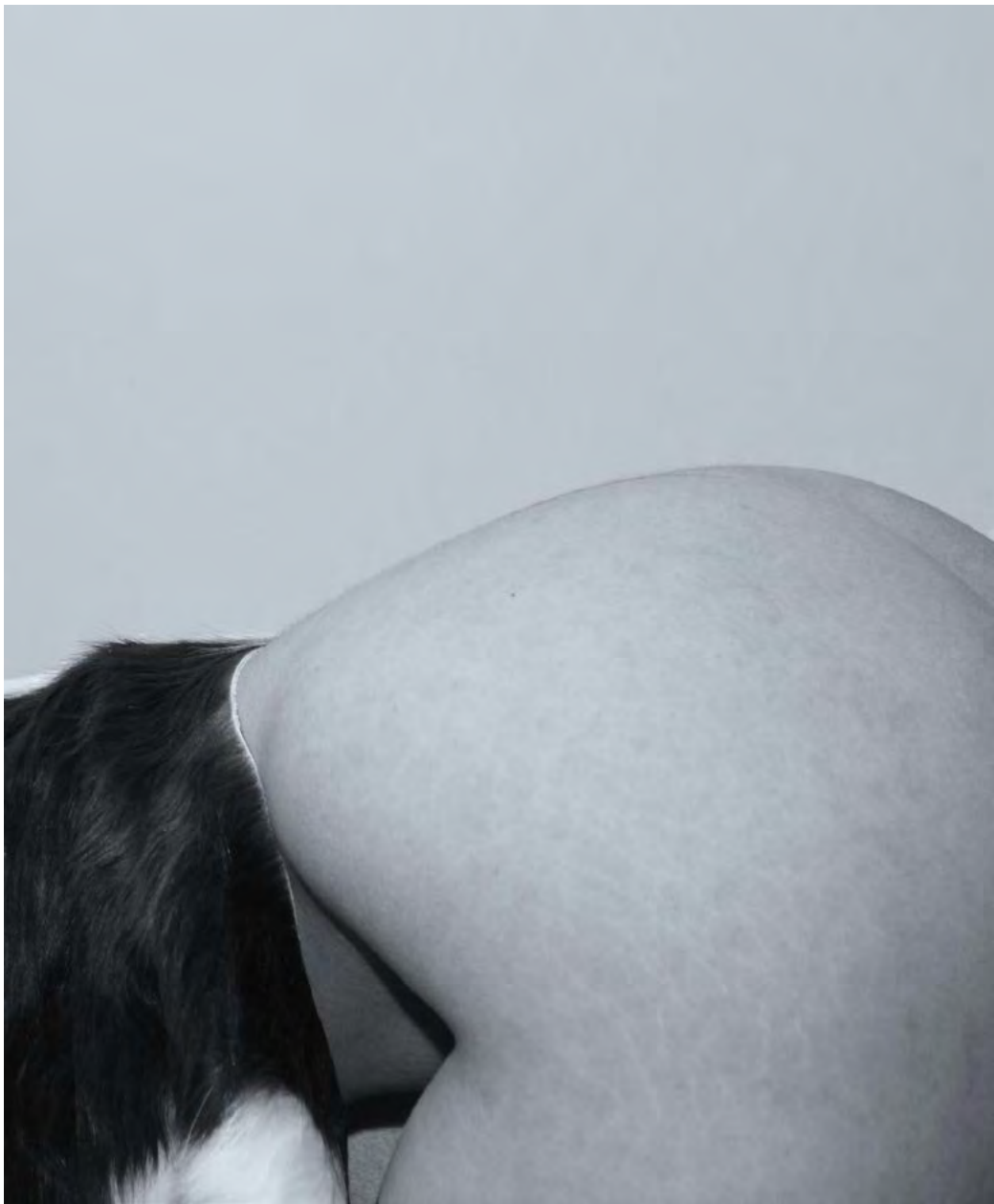
Os assuntos ou temáticas são escolha livre, todavia valorizam-se as anotações sobre as aulas abertas a que assistiram (dentro ou fora da escola, propostas no âmbito do Mestrado em Artes Plásticas ou por outro curso), notas sobre filmes ou livros, resenhas sobre exposições e sobre concertos. A abordagem à escrita é livre, o tom pode variar e ser de natureza descritiva, diarística, confessional, poética, ensaística, ficção, entre outros.

Os estímulos para a escrita poderão ter variadas origens: prática no atelier, como a descrição de processos ou rituais próprios, anotações sobre cor, sobre materiais ou técnicas exploradas; observações sobre a vida quotidiana, memórias, sonhos, mas também projeções fictícias ou auto-ficção.

Este exercício tem como objectivo ajudar a descobrir o vosso “tom”, ou seja, a vossa forma de escrever, promovendo destreza na escrita.

ISABEL BARAONA

20 Ou, para usar uma expressão comum em língua inglesa, um *artist statement*.



SE FOSSE A PANTERA DA TUA HISTÓRIA RASGAVA-TE O ÍNTIMO. ROUBAVA-TE A COR. RUGIA ATÉ QUE A VOZ ARRANHASSE. SANGRARIAS DOS OUVIDOS E DE TODAS AS FENDAS QUE ABRISSE EM TI. LAMBIA-TE O PELO COM GANA. DEIXAVA QUE ME PENETRASSES BRUTALMENTE. MORDISCAVA-TE OS TESTÍCULOS. DE GARRAS RETRAÍDAS, COM AS ALMOFADAS DAS MINHAS MÃOS IA-OS MANIPULANDO. ABAFAVA OS TEUS SUSPIROS COM GEMIDOS ENSORDECEDORES. AMPARAVA COM A LÍNGUA TODO O SANGUE QUE DRENASSE O TEU PEQUENO CORAÇÃO. DEGUSTAVA-TE COM ÂNSIA NOS MOVIMENTOS. O MEU OLHAR, TURVO, REFLETIRIA A TUA LUZ. CHUPAVA O TEU PÊNIS COMO OSSO. DIR-TE-IA QUE TE AMEI. QUE O TEU SABOR GUARDARIA EM MIM.

COM A BRUTALIDADE QUE NOS CARACTERIZA.

E de onde vêm estas feridas? Que feridas estou eu a representar? E que feridas são estas? São minhas, são tuas, são nossas? Serão feridas colectivas?

Feridas, cortes e cicatrizes, vejo-me a mergulhar nelas, a explorar formas e texturas.

Fendas, crostas, vermelho.

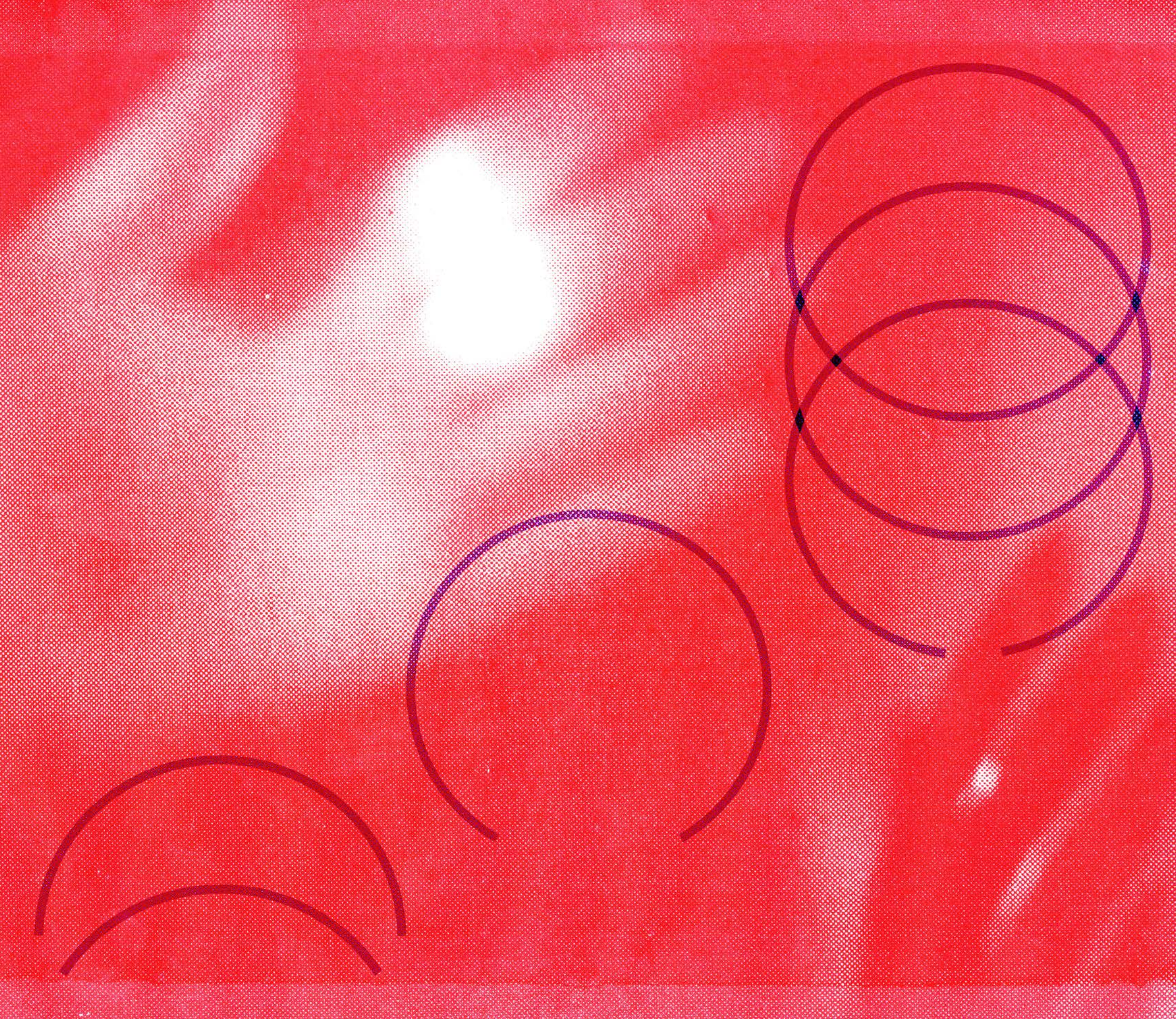
Saberei eu coser as minhas feridas? Saberei eu tratar delas para que não infectem?

Fundas e profundas, cheias de veias e capilares. Parecem gomos de laranja.

Cores, muitas cores, com quantas cores se pinta uma ferida? Com quantas cores preciso de a pintar para sarar?

Mexe e remexe, arranca a crosta. Gostas de sofrer só pode. Sangra, pára e forma novamente crosta. Claro que vais mexer outra vez, gostas de sentir a dor?





Para mãos esquerdas condenadas, surge um espírito febril Colocar o mundo em movimento é fazer com que mãos e corpos se levantem. Toca e foge. Tocar com a mão esquerda. Para mãos esquerdas condenadas, surge um espírito febril Colocar o mundo em movimento é fazer com que mãos e corpos se levantem. Toca e foge. Tocar com a mão esquerda.

Anseio pelo futuro sem nunca o querer conhecer... Quando morrer cremem o meu corpo e das cinzas pintem um quadro... Morri para a arte como a arte viveu para mim, mesmo sem algum dia nos termos conhecido... Vou assinar tudo até o mundo ser meu... Descobri que sou alguém diferente! e digo isto de voz alta na minha cabeça ruidosa, digo tão alto que oiço as milhões de vozes que gritam também... Vinho entornado manchado permanentemente no tecido que me cobre... Tento-te completar sem ser completo... Por cada salto que dou o mundo já voou... Estou farto de me lembrar do futuro de ter saudades do presente... Leva-me ao infinito, uma distância infinita de ti... Nem o tempo perde tempo a passar... Tantas janelas mas de quantas vou saber o que têm refletido... Nada em ti sou eu e tudo és tu em mim... Diz-me com esses teus olhos tudo o que eu ouço... Não digas as coisas que quero ouvir porque verdades são apenas mentiras escondidas... Fala de tudo, pois profeta de boca calada já és... Sem nunca saber a verdadeira consequência de pensar poder quando, poder pensar era já demasiado poder... Mesmo esquecidos, os momentos não são perdidos... Espero que o céu tenha música para a semibreve viagem que vou tomar... Desequilíbrio o universo por ti... Quero ser afogado pelas tuas luzes não pelas memórias da tua presença... Afinal ela só estava a falar, não comigo, mas com ela própria... Como o álcool é o culpado da loucura mas todos querem enlouquecer... Talvez todos os momentos que não experienciamos existam para que os momentos que vivemos sejam mais importantes... Às vezes digo que faço noutro dia e acabo por fazer, mas no fim acaba por ser o dia que não devia fazer... Fica para outro dia, pensar no dia que devia ter feito, fica para outro dia... A porta bate-me, fecho-a, e

veja me a mim.

paremos de Tentar ser imortais, paremos de tentar criar algo que nos mantenha aqui, que nós, de alguma maneira, transporta de um mundo desconhecido para o mundo natural, sem nunca morrer. Quem quer saber De um quadro que existe há 500 anos se o outro apenas vive um dia. Do que importa um ser com 100 anos se existe um novo ser a cada segundo. Talvez exagero, mas realmente acredito que nem tudo devia tentar ser para lá do tempo. Gostaria que a arte fosse Constantemente morta para ela se renovasse a cada instante estou farto De pessoas e cultas. De snobs E De referências, porque? viver a vida pelo trabalho dos outros os, para que tenho de Te dizer em quem me inspiro, talvez não inspire na parede, mas não Me perguntas quem a pintou? pois enfim, percebo ter referências mas vou odiar-me Qual é razão eu tão de estar a escrever isto? posso claro dá-las mas realmente vou odiar-me não tenho O resto das coisas, as esposas, acabo tal vez Um dia alguém con- siga responder a o porquê? mas sinto que ele viverá muito tempo sozinho em quase eterna dúvida, desespero de um dia ser esquecido e poder parar de dizer porquê? e viva a dizer por tentar expor Com todos os seus contextos mas a arte não só é aleatória, aparece adé singu- lar incompreensível que o humano Tem. parece um sinal que nós quer fal- guas morti- ns, a vida al- Empre int- cressante ar algo mas em lin- smo que se está rio é sa- sa, acho qu- e a arte é me- tam bém Isso, al- go doloroso que dentro de si encontra um oásis, não no meio do deserto ma s no meio de milhares de outros oásis por descobrir. Tudo isto é redundante, co- mDante, completa- AmenTe transbo- rdo de mim. O trabalho não é se não um objeto re- resultado de toda a Minha aglúia, e o m- eu ser a se largar lentamente, mas de forma violenta, "obras são para lá de redu- te tsunamis de Redundância. acredito que não fi- serve para mais que Tentar viver nesta existência de extrema desconfiança e total falta de Tentar viver nesta existência de isto serve para nada mais que setido. Vejo que a arte é para lá de redun- dante, em todos os seus significados, para que servem estas palavras perto de Z médios, para Que servem poemas perto de bombas, somos deveras ignorantes e intitulados a acreditarmos que pensar isto é importante.



Hoje revi fragmentos de coisas que me esqueci. É assim que tenho experienciado a maioria das coisas: escrevo até à exaustão, reajo automaticamente, fotografo espontaneamente, crio consequentemente//

sou// o que os outros vêm

É em desvios que //
acontece. É quando exagero que//
as ideias fervem. Assim que as emoções efervescem ao ponto do desespero, quando os músculos gritam para descansar depois de noites sem sono, quando durmo tanto que perco a conta aos dias, quando me levo a corpos que me deixam de ser estranhos, quando a ruptura entre o que pensava querer fazer e as ações que realmente tomo acontecem//

Quero utilizar ——— no meu trabalho. Não compreendo o porquê de a evitar//
quando//
tudo na minha vida pode ser destilado na relação ——/——. Ou as busco, ou//
evito-as. //
só agora tenha a clareza para me aperceber.//
Todas criam uma historia que se aparenta auto-biográfica mas a sua intenção é//

tudo falso// Sinto-me um ator quando as tenho
que defender//
Hoje não, talvez amanhã//

todos os dias crio natureza mortas, elas apresentam-se diante de mim, gritam-me aos olhos, chamam-me nomes e dão palavras de incentivo//

Se lêem ——— na minha voz, é//

– Le récit au passé
– Une narration
– le narrateur
– narratif
– narré/er = raconter
Le radical//

A verdade já não vale nada// O problema não pode ser do mundo//

aparece apenas quando descrevo ——— // mas a verdade é que quando observo//

a sua textura, a sua suavidade, o seu volume, as proporções que guiam os meus olhos e os meus desejos sob a sua superfície e que me chamam para entrar na sua totalidade. Acho que descobri o meu tipo. Um objeto que se encontra//

para preencher o meu tempo com entretenimento e auto-bajulação.//
Talvez o tenha interiorizado de forma//
, tornei-me num ———//

que produz algo que ——— valoriza//

Justificar o ódio, o desejo e a raiva.//
Movido por forças carnaís, //
agarrar e consumir algo que //
seja através //
de oleos ou de prata... E quiçá alguma performance. Claramente com bastante performance//

A câmara dá-me poder,//
dos medos associados à captação da imagem que todos os outros partilham, há uma sensação //de dominância perante o mundo//
a sua imagem encontra-se nas minhas mãos, e o seu futuro preso por um fio

Onde está o conforto nas peças que faço?

Tento que tudo seja meu, que tudo me seja próximo, que tudo seja confortável e familiar, aconchegante, mas, ao mesmo tempo, que estes trabalhos possam trazer uma nova visão para aqueles que os vão ver.

A verdade é que, sempre que faço uma pintura de maior escala, fico completamente imersa na sua grandiosidade e no seu caráter imaginativo e fantasioso. No entanto, no meu trabalho têxtil, fico perdida na fragmentação/ deformação da imagem e na sua cor e textura, no cuidado presente em cada ponto e no seu tamanho reduzido, que faz ligação direta com a escala da minha mão. O objeto torna-se extremamente palpável, manuseável, transportável... e aconchegante, graças à lâ que o constitui.

A escolha das cores é demasiado importante para mim. Os contrastes, o espaço negativo. Tal como um pintor escolhe a sua paleta, eu escolho as minhas linhas. Sou mais feliz quando pinto em crochet. Preciso encontrar um intermédio entre a pintura e o crochet. Apesar de encarar o crochet como pintura quero aproximá-lo mais desse media (talvez mudar a escala e adicionar mais cores).

As cores remetem-me para sítios/lugares, coisas e memórias, por isso, em cada imagem representada seleciono uma paleta de cores mais ou menos reduzida, de modo a representar a minha memória de um espaço ou momento preso no passado. Tento reavivar e reescrever as memórias desta forma.

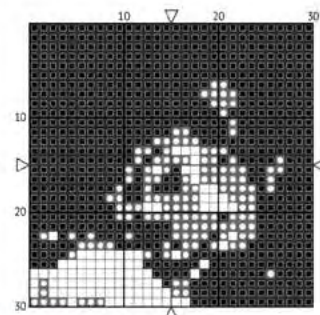
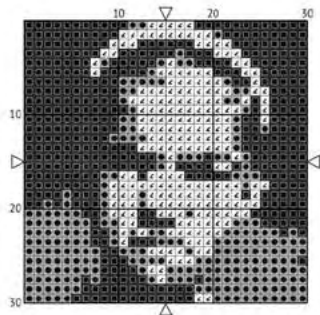
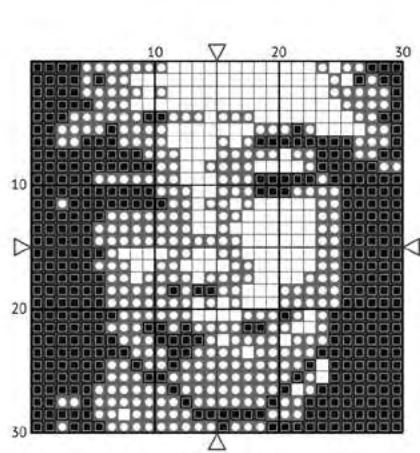
Há certas memórias que me confundem, fico sem saber se são reais, se são um produto fabricado do meu inconsciente, e é por isso que as quero explorar. Desde momentos em família que já não existem, ou pessoas que já não existem, a momentos que talvez nunca aconteceram, ou que aconteceram apenas na minha imaginação.

Esta necessidade de trabalhar sobre a memória, vem de um sítio de saudade, de um tempo que não vai voltar mais, do desejo em voltar a ser criança...

Em todas as fotos que escolho como ponto de partida, todas, mais ou menos, tenho a mesma idade.

O que me falta? Perceber padrões.

Interessa-me perceber?



Vários

brinquedos

de

Plástico

Coloridos



Esquecer
não é
Ausência,
mas um
gesto Ativo

Repetir
↓
Pequenas
Obsessões

Pintar
Lagarto
Vidro

Bate
o
Pé!

Azulejo
Centro
- Azul

Barco
- Sussuros/Luz
Luz? Queres Luz?
- harmónico M.
Musica
- Começar de vagar

Nas mãos Segura



uma flor
cor de Rosa



Um

chapéu

azul

tipo

Pescador



Os post-its são extensões da minha memória. Se pudesse colaria os meus post-its diretamente no cérebro, mas como isso não é possível limito-me às paredes e aos cadernos que me rodeiam e que aparecem à minha frente, e assim não me esqueço das pequenas missões do dia-a-dia.

Os post-its são a forma de recordar, as fotografias são memórias que animam um acontecimento, os post-its são os lembretes para essas memórias, são o antes e o durante a ação. E, por isso, eles são os pontos de ligação entre os elementos da história principal, que é mostrada através das peças, e a história secundária que seria a minha visão pessoal do mundo.

A espontaneidade e a necessidade por desenhar surgiu, e uma fixação por relógios apareceu. Com aguarelas, comecei uma coleção de relógios azuis que aparecem por revolta de não ter tempo.

Num trabalho autobiográfico cada obra é uma peça do reflexo da artista.

É exaustivo estar constantemente a olhar para o próprio reflexo.

O silêncio é a parte mais importante da comunicação, se não, não existiam pausas na música.

A memória da mão

A mão que escreve, que desenha, que pinta e que constrói. Acima de tudo a mão que cria. Se tivesse de escolher a minha parte favorita do corpo seria a mão!

A mão é a extensão de tudo o que o corpo e a mente sentem.

Ela é a tradutora das nossas ideias. Todas as vezes que eu acho que não sei algo, a minha mão mostra-me que sei. Através do toque e do sentir tátil.

A mão que toca é a mão que sente, é a mão que absorve e reconhece ao toque clandestino.

A minha mão sou toda eu e toda eu sou a minha mão.

Poesia

*Poesia é o gesto em que o tempo,
rasgado pelo agora, aceita
voltar em fragmentos e, nesse
retorno, faz do mundo um corpo
que ainda se deixa tocar.*

Ciclo

A vida não é uma reta cronológica
mais um ciclo que gira e segue
Várias vidas paralelas acontecem
espiral infinita
o ciclo perfeito
a regra secreta do universo
vive dentro/fora - o que nos rodeia
Tudo o que vemos,
sentimos – acontece
- regra d'ouro
perfeita simetria - o que pode cortar
este ciclo vicioso
A mente bloqueada
pela sociedade que rodeia
escondido entre linhas - não querem
que se descubra a verdade
Regra sagrada inexplicada
controle facilitado
pela falta de conhecimento
o que escondem aqueles que mandam
de que têm medo aqueles de poder
- se nos derem a verdade o que será da
sociedade
Ciclo infinito
até que algo o corta
termina e recomeça um novo ciclo
interligado - espiral infinita
tem o infinito fim?
Regra d'ouro digo - a vida termina e
recomeça
várias vezes até ao fim
e recomeça nova vida até...
por fim.

Poesia é uma palavra que escapa,
que arde e recusa o uso comum da
linguagem, esta é uma explosão do
sentido, liberdade em forma de verso
e palavra. É uma ferida aberta na
superfície do mundo. O lugar onde a
linguagem arrisca-se ao impossível,
onde o sentido se desfaz para renascer
em dobro.

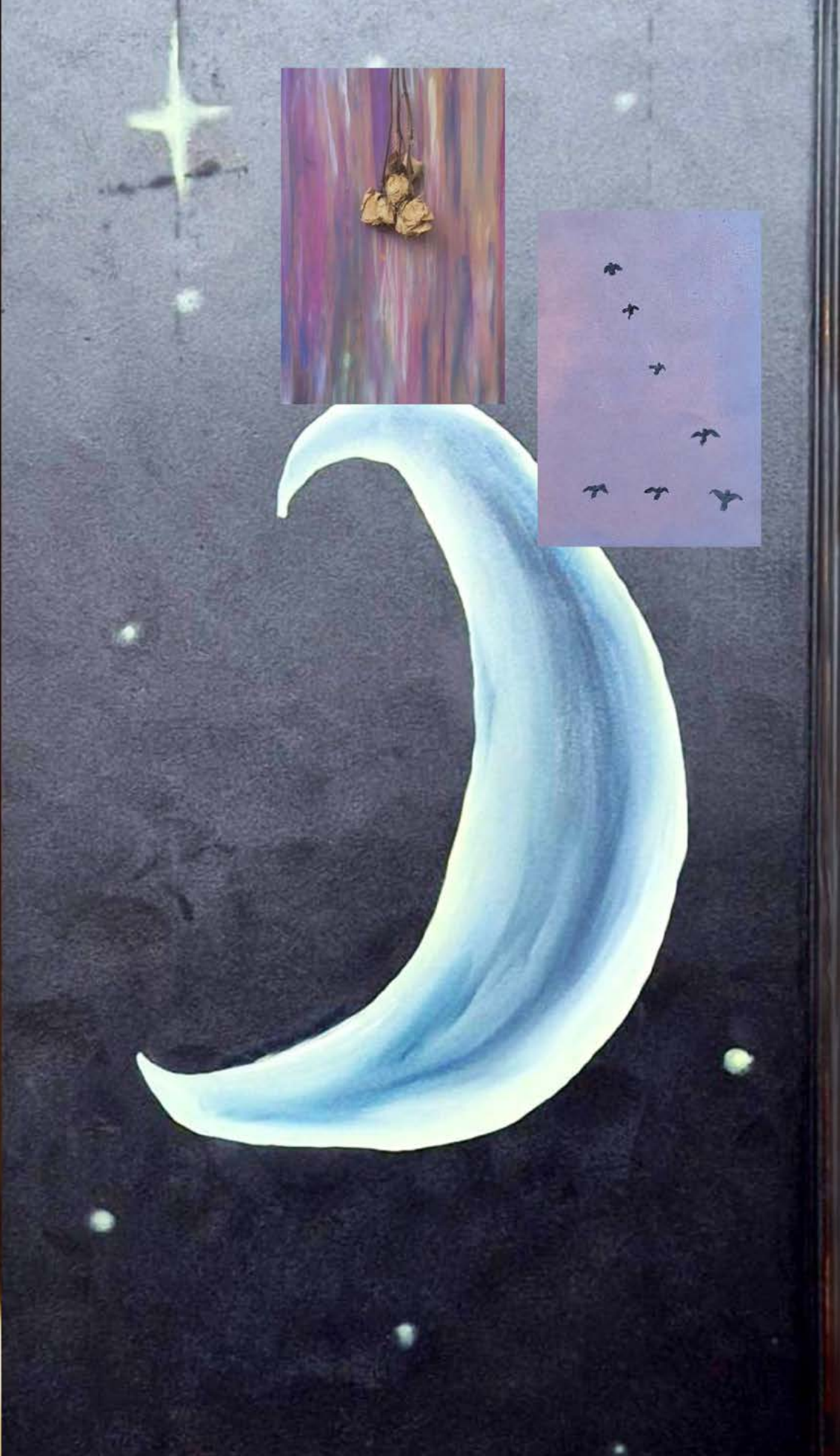
A poética não é uma regra, não tem
regras, é o gesto de ultrapassar o limite
do que não se consegue dizer, de tocar
o interdito. Ao escrever, descrevo,
convoco, cada palavra torna-se um
abismo, uma chama que arde. A poesia
é o espaço onde a linguagem é o corpo,
e o silêncio das suas palavras é um
grito de revolução.

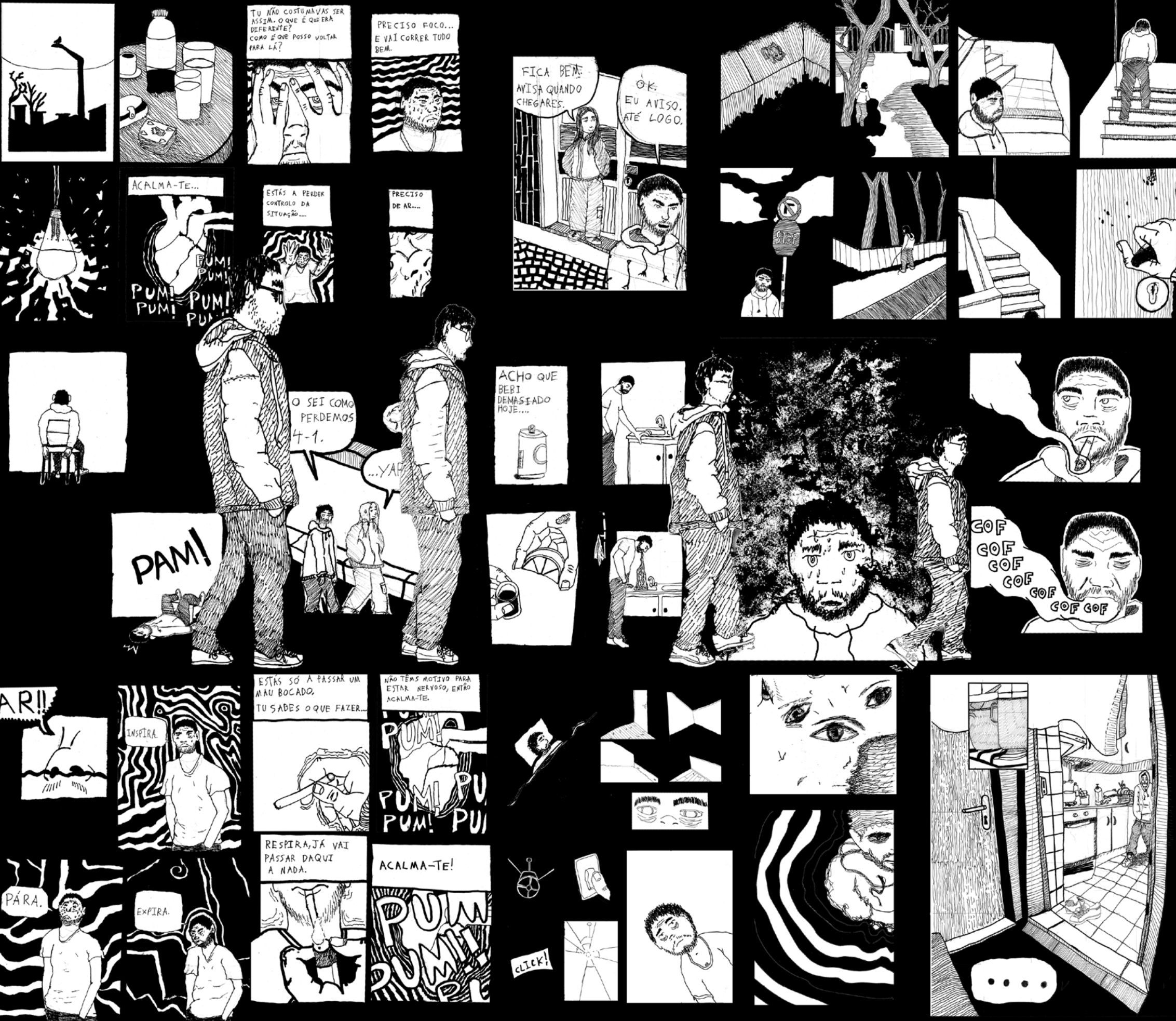
Na poesia, o real desarranja-se,
o tempo torna-se infinito, o “eu”
fragmenta-se. É a arte de fazer do
vazio matéria, do excesso, forma.
Habito entre lugares, sempre à beira da
ruína e do milagre.

É o nome do desejo de dizer o que não
cabe em palavras, de tocar o mundo e
de fazer o impossível um instante.

Constante

Vivo nesta constante inconstante
E as memórias com a brisa voam
As pessoas, as paisagens, os cheiros,
Os risos, os choros, as dores,
Os grandes momentos,
Aqueles que outrora eram pequenos
Num único instante evaporam
Como num acordar da alma
E um embalar do corpo
E toda a luz passa diante dos olhos
No último segundo antes
Das brilhantes pérolas se fecharem
Para toda a eternidade.





Quando eu comecei a desenhar o objetivo era simples: como não tenho a capacidade mental para recordar todas as minhas memórias e pensamentos, fazia-o em pequenas ilustrações, cenas do dia a dia, um diário para coisas, por vezes, até desinteressantes. A banda desenhada fascina-me pela quantidade de ferramentas que têm para dar uma vida ao que era um monte de rabiscos. O ritmo narrativo pode ser mudado por tudo, pelas linhas, os fundos, as expressões, o texto, as onomatopeias, pelos quadrados que contêm os desenhos, pelo que está entre esses quadrados e até pela ausência deles.

O mais pequeno movimento pode ser representado em milhares de formas diferentes, com diferentes efeitos que cada artista tão cuidadosamente adapta para o seu estilo. Ilustrações para mim podem ser mais que desenhos, podem ser movimento, comunicação, uma forma de representação que esconde mais do que se vê à primeira vista. Os desenhos ligam-se entre eles e com isso há uma história que se cria visualmente, algo maior do que as suas partes seriam individualmente, um contexto partilhado entre o leitor e o escritor. As linhas que tentam captar a vida de até um simples suspiro juntam-se a esse contexto e criam uma linguagem única.

Eu, como explorador desta arte, tenho um objetivo, a procura dessas peças visuais, a linguagem escondida para cada sequência e a criação de movimento. Na banda desenhada eu sou o escritor, o artista e até o criador dos efeitos especiais, (pessoalmente gosto de usar o preto e branco). Cada planta que abana com o vento, cada pessoa que faz uma expressão de felicidade e cada pássaro que bebe numa poça de água, na sua tradução para uma sequência ilustrada, apresentam um mundo de diferentes subtilidades composicionais. Um puzzle que pode ser resolvido com diferentes variações e formas de experimentar, é assim que eu descreveria o meu processo artístico. E não é esse um pouco o ponto da banda desenhada, incentivar a imaginação?

Às vezes encontro-me parado, quieto no meu canto a que chamo de espaço. Deixo-me absorver pelos sons e pelas cores e, sobretudo, pelas linhas e formas. Existe uma transformação, ou como eu gosto de chamar, “uma magia”. Uma mudança de foco no que está a ser visto perante os meus olhos para, no início da observação, ver realmente o que se encontra no espaço em que me insiro e que tento entender.

“**Espero ouvir os objetos que se encontram calados.**”

Felisberto, B. (2025). Notas de Atelier

A minha abordagem tem como foco o registo através do desenho e da escrita. No meu bolso encontram-se quase sempre um caderno e canetas, que uso como ferramentas fundamentais no meu processo artístico. Sinto bastante, demasiado talvez, então aos poucos vou delineando caminhos, espaços, objetos, pessoas, tudo o que me captar a atenção no momento, momento este que desejo registar para não esquecer.

“**Registo hoje para não esquecer amanhã**”

Felisberto, B. (2025). Notas de Atelier

Pretendo entender e desvendar o que realmente é real, como vejo o espaço, como crio o espaço, como passo e sinto o tempo, e como se manifesta. Existe muita impulsão e desejo na minha prática, esta encontra-se bem enterrada como raízes no meu modo de ser, no meu método de perceber o mundo incluindo a mim próprio.

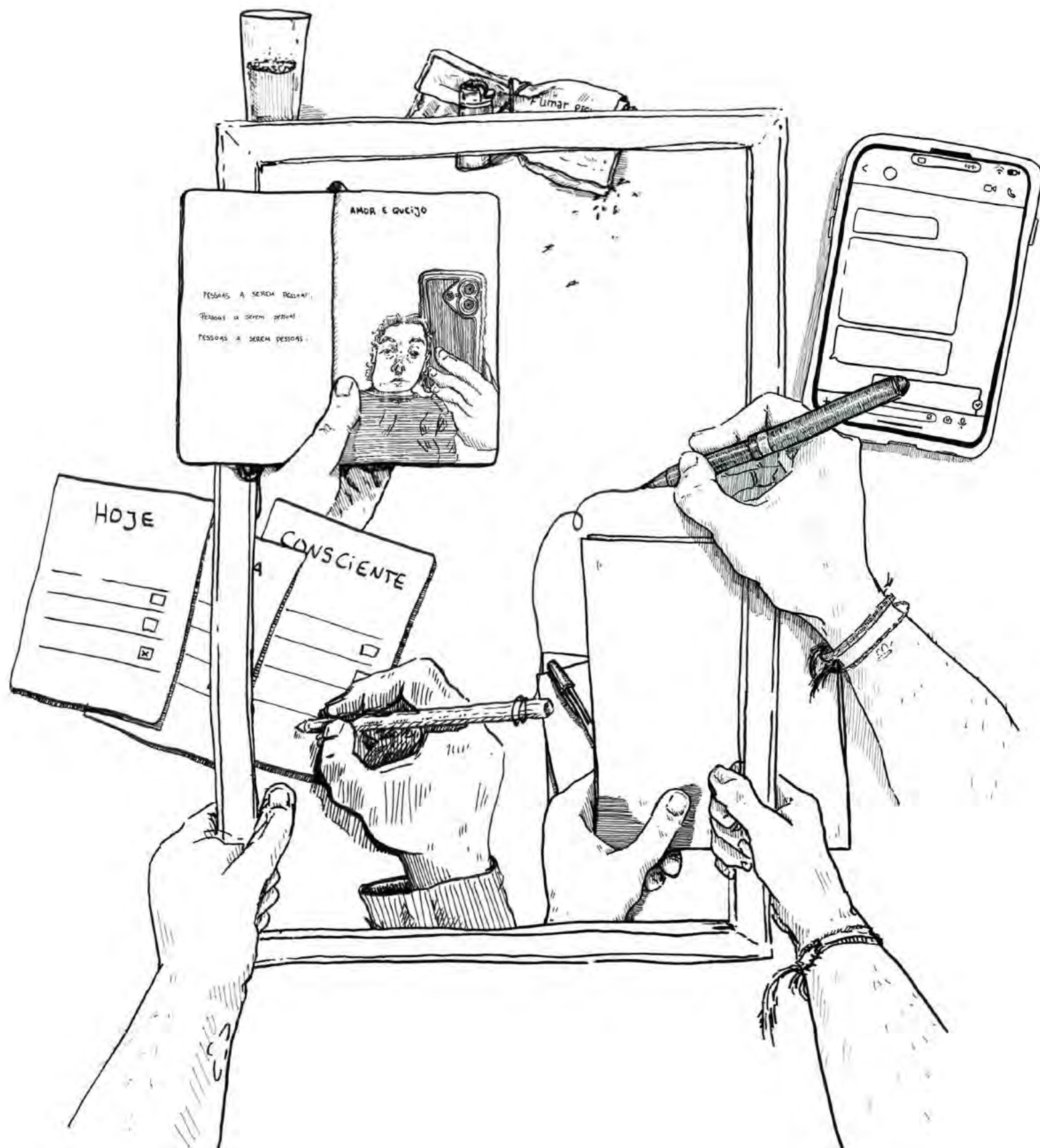
“**Não consigo ser sem entender.**”

Felisberto, B. (2026). Notas de Atelier

Eu vejo a escrita como um campo aberto, pronto a ser preenchido de sementes, umas com mais cuidado a serem colocadas no solo do que outras, mas todas são plantadas, umas crescem e nascem plantas bonitas e bem estruturadas, outras deixam-se ficar no escuro e mantêm-se no solo, morrem antes de sequer ver luz. O desenho é quem cuida do campo, rega todos os dias, mesmo nos dias mais chuvosos. É através do desenho que as plantas ganham vida, ganham forma e estrutura, mantendo-as vivas e imortais pela linha do tempo.

“**a drawing or painting is static because it encompass time.**”

Berger, J. (2005). Berger on drawing. Occasional Press.





“Visível imóvel, o meu corpo pertence ao número das coisas, é uma delas, está preso na textura do mundo, e a sua coesão é a de uma coisa. Mas, posto que vê isso move, ele mantém as coisas em círculo à sua volta, elas são um seu anexo ou prolongamento, estão incrustadas na sua carne, fazem parte da sua definição plena, e o mundo é feito do mesmo estofado do corpo.”
Maurice Merleau-Ponty, em *O Olho e o Espírito* (2006).

Até às Caldas da Rainha desloco-me de carro. Vou pela A8, anoto o céu. Observo as paisagens que se formam. Reconheço os campos, a florestação que se forma pelas bordas da estrada.

Verdes de muitas tonalidades. O laranja domina o outono; o amarelo e verde aparecem na primavera. A paisagem vai se tornando mais castanha até ao verão. No inverno as cores tornam-se poucas: o verde-escuro lidera, as flores amarelas tomam conta da paisagem em março. No topo, as nuvens, intocáveis. Em constante transformação, efémeras, informes. Às vezes, podemos ver o azul do céu. As chuvas intensas não têm permitido a sua saída.

No inverno e na primavera, as nuvens mostraram-se revoltas. Impressionavam-me pelas suas formas, pelas suas cores, pela forma como, por vezes, deixavam o sol espreitar e brincar com elas. Nuvens de diferentes formas, a diferentes altitudes, umas mais escuras e outras mais claras.

O cenário muda a cada quilómetro. Observo a constante mudança, a constante mutação. Tornou-se um exercício diário.

Devido às tempestades, as nuvens e a luz aproximam-se das pinturas de William Turner.

Comecei a vê-lo no céu. Trabalho num hotel e tenho de entrar às oito da manhã. Às sete e meia da manhã estou a sair de casa e deparo-me muitas vezes com o nascer do sol. É aqui que muitas vezes vejo os céus do Turner. Não sei o que me faz apreciar tanto as nuvens, se é por as achar bonitas ou por o ver. Provavelmente os dois. Reparo nas diferentes cores que deveria observar e admiro a sua capacidade e rapidez de observação.

Neste percurso, dirijo-me até à Ericeira, aproximo-me do mar. As nuvens passam a estar baixas, o nevoeiro é intenso perto do mar. Aproveito para olhar da janela dos melhores quartos para ver as nuvens ao fundo da paisagem, que acompanham a vista mar. O nevoeiro desaparece ao longo do dia. Ao sair do trabalho, pelas dezanove horas, desço as escadas do centro da vila. Olho para a praia do sul e vejo uma brecha do mar, entre os prédios. Observo o reflexo do sol a bater nas ondas, agitadas, quase sempre. Vou em direção a casa, volto pela A21, vou em direção ao anoitecer.

A pintura é um caminho, constrói-se da descoberta, da vontade de avançar. Ver uma nuvem, uma paisagem, um campo de flores, estar no encontro de uma imagem, de uma fotografia. Estes momentos guiam-me na direção do ato de pintar.

entrei na floresta, pisei o seu chão e ela falou comigo.

os seus bichos começaram a trepar por mim a cima, hipnotizaram-me e nunca mais saí da floresta.

11 de julho 2025, Porto

Um corpo despido de roupas,
agachado, a cagar no mato.
Se tiver um rio por perto para se lavar,
ainda melhor!

14 de dezembro 2025, Caldas da Rainha

Encontro-me de manhã, pós pequeno-almoço, sem saber o que fazer comigo. Este sentimento já começa a tornar-se repetitivo.

Uma mistura de energia inquieta,
de melancolia e de entrave na minha cabeça
hiper-estimulada, mas ao mesmo tempo a parecer plenamente vazia.

26 de dezembro 2025, Porto

Sonho muito com o meu nome.
O meu nome escolhido, o nome que me foi atribuído pela minha mãe e a constante luta interna e externa entre estes dois.

Ainda me deixa ansioso saber que muitos olham para mim e me

identificam por um nome que já não me pertence.

Mais inquietação ainda, pensar que me tenho de re-apresentar, sem conseguir prever o seu nível de aceitação perante esta mudança.

Sonho com o dia em que apenas serei conhecido como Rio.

18 de abril 2026, Cernache

Existe em mim esta constante vontade de me deixar perder dentro de uma realidade fantasiosa, paralela ao mundo dito real.

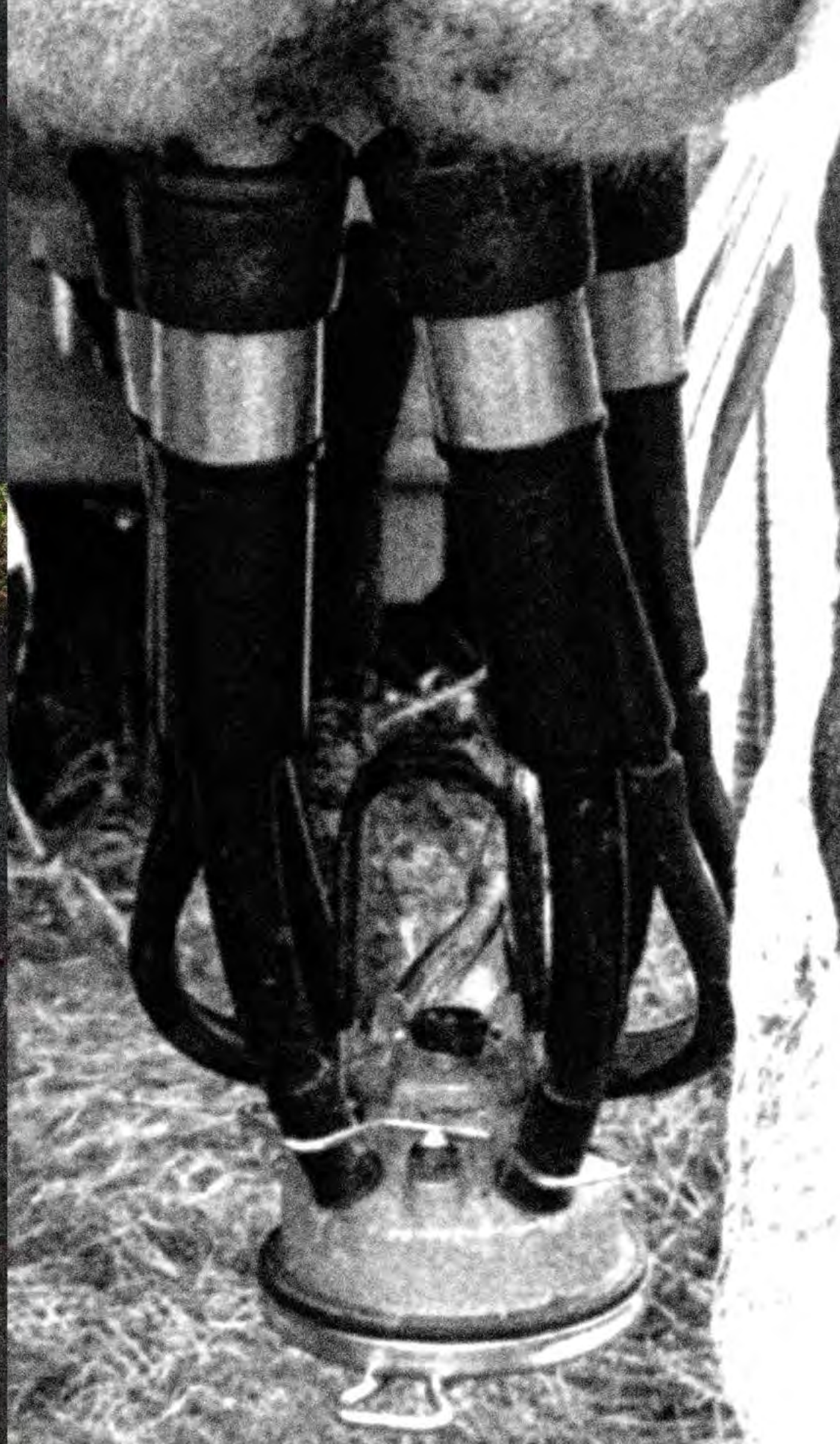
Quero entrar nela e nunca mais sair.

Quero que a minha casa sejam os troncos das árvores mais altas e cobertas de musgo e fetos. Quero que a minha paisagem sejam os reflexos radiantes da água, as suas sombras e os seus movimentos fluidos.

Quero sentar-me, repousar, dentro das pequenas flores do campo, escorregar por elas abaixo.

30 de abril 2026, Cernache





Fica-me atravessado. E fica durante muito tempo.

Há ainda tantas vacas para parir e há noites que alguém não dorme. Eu durmo. Parece que não passa disso, não é? Mas há alguém que tem de meter as mãos. Mãos frias, ou quentes, cansadas.

Tenho pensando na repetição. O que se faz todos os dias, tantas vezes, que chega ao ponto de não ser uma escolha. Há mãos que aprendem antes de nós. Mãos que sabem abrir, fechar, apertar, limpar, segurar. Mãos que passam por lixívia, por plástico, por metal e por leite. Mãos que trabalham e, no mesmo movimento, cuidam. Como saber separar umas coisas das outras?

Às vezes acho que estou a voltar ao mesmo sítio, mas não gosto de voltar aos mesmo assuntos. Apesar de que existem lugares de onde se sai fisicamente, mas que continuam a organizar a forma como se olha para o resto. Não será isso amarrar-me ao que eu penso que ainda é o meu credo?

Também há coisas que não se voltam a encaixar. Afetos que mudaram de forma. Conversas sem desenvolvimento. Situações que ficaram paradas e que já não têm lugar para continuar.

Há coisas que não atravessam intactas a linguagem.

“Mas o que é que vocês guardam na cabeça?!”

Comem carne e peixe todos os dias, mãos postas, observam, deparam-se consigo mesmos, e procuram em quem confiar, sem alguma promessa, como se isso chegasse para alguma coisa.”

Ou penso em casas. Uma, duas, três, quatro. Casas que não são minhas. Casas que poderia ter tido. Casas que não aconteceram. No fim não fico com nenhuma delas.

E depois há outras coisas mais simples. Como falar com a minha irmã sobre ervilhas. Ou lembrar-me da minha da minha tia-avó. Ou pensar que há pessoas a viver coisas completamente diferentes ao mesmo tempo que eu estou a escrever isto.

Tudo acontece ao mesmo tempo e eu acabo por ficar com bocados.

O vinho pinga do cálice e escorre pelos dedos. O sangue pinga do copo e escorre pelos dedos até cair e manchar os azulejos da casa de banho.

Vejo o vermelho como a cor mais poderosa, rica, bela e natural que existe.

É a cor do sangue, a cor da vida. Uma cor que transmite a ideia de paixão, revolta, vida, morte. Pessoalmente, é das cores que me traz mais felicidade. Quando penso em vermelho penso em papoilas e cravos, penso nas bochechas e nariz rosados com que ficamos quando nos sentimos lisonjeados, ou quando está aquele friozinho que justifica a lareira acesa. Tenho a consciência de que depende imensamente do contexto e da experiência de cada um, mas é inegável que vermelho é uma das mais, se não a mais, poderosas das cores que conseguimos ver.

Vermelho é sempre a minha primeira escolha, roupas, batom, decoração, cabelo, até mesmo na minha arte: se há algo que me dá prazer fazer é quando desenho um esboço todo a lápis de cor vermelho. É sem dúvida a minha cor de eleição, e acho que acaba por se refletir bastante nos meus projetos e na minha vida.

É uma atração que não sei como negar ou explicar.

E é por isso que não compreendo o porquê de se achar negativa a associação do vermelho ao sangue - sem sangue, não seria possível existir. O sangue é fonte de vida, é ele que transporta o oxigénio e nutrientes para todo o nosso corpo.

O sangue é igualmente responsável por defender o nosso organismo contra infeções. Por definição, a seiva é o líquido nutritivo presente nos vegetais – o sangue das plantas. Da mesma maneira que as plantas precisam de seiva, nós (e a maioria dos animais) precisamos de sangue.

O sangue é vida.

O sangue é seiva.

Ele não deve ser temido, e não se deve dar mau nome à sua cor por associação, até porque o sangue é como nós, ele muda de cor e evolve com o tempo.

O vermelho é belo.

A vida é sublime.





10 de fevereiro de 2026

Cada vez me interessa mais o desenho. Está mais próximo do corpo e da alma. É como um prolongamento. Uma escrita corpórea, gestual. A pintura é de outra ordem, tem outras camadas. O desenho é mais bruto, sincero.

Faço exercícios de desenho há alguns meses. Primeiro foi com a grafite, linhas e manchas. Progredir do claro para o escuro. Depois introduzi texturas, pontos, traços, espaços em branco. Experimentei também com papel preto e lápis branco, traços, linhas e manchas, claro e escuro. E a progressão em contínuo do claro para o escuro. Agora tenho feito pontilhismo, primeiro com o marcador fino, 0,1 ou até 0,05. Desenhos de caracóis e seres marinhos feitos de pontinhos mais ou menos densos, para passar do claro ao escuro e aos cinzentos. Sobre papel vegetal. Há umas semanas introduzi a tinta-da-china, bem mais difícil de controlar do que o marcador. Aparo e tinta preta. É necessário ter um grande controle sobre o aparo de forma que os pontos não comecem a ligar-se uns aos outros. A água torna tudo mais difícil de controlar, mais fluido, orgânico.

Experimentei também desenhar usando a técnica do Scratch, feita com uma lâmina. O desenho vai-se fazendo raspando sobre a superfície de papel. Neste caso papel preto com uma camada de gesso branco por baixo. Ainda não domino bem a técnica, mas é muito divertido.

11 de fevereiro de 2026

O vento leva-me para todos os lados.

Como atravessar a paisagem?

Ar _____

As minhas criaturas podem ter barbatanas ou boias para não se afogarem.

Também podem ter olhos, narizes, trombas, caudas, asas, são criaturas.

As minhas criaturas gostam de viajar. Podem ir pelo ar, por terra ou pela água. Por isso podem precisar de asas ou de barbatanas. Ou ter apenas pernas. Talvez faça um povoado com as minhas criaturas, uma nova comunidade, uma nova aldeia. Posso levar as minhas criaturas para uma casa abandonada e criar uma comunidade de criaturas. 250 criaturas de pau com os meus panos. E um vestido de noiva com 250 metros de comprimento, a mãe de todas as criaturas.

A noiva empalada.

18 de fevereiro de 2026

Fazer um pequeno povoamento. Com as criaturas de pau, os gigantes friorentos de cachecóis coloridos, as não figuras de água e alguns objetos. Arranjar uma casa ou um terreno e construir uma comunidade. Pessoas, animais, gigantes, objetos. O projeto repovoar. Comunidade e ocupação. Grupo. Comunhão. Calor.

24 de fevereiro

Tu tens de encontrar as palavras para falar sobre o teu trabalho.

Como encontrar as palavras que consigam aproximar-se da forma como trabalhas? Não estás a falar em catalogar, definir ou nomear, mas em apalpar, aproximar, torneir a obra, o processo. Andar às apalpadelas, à procura. O teu trabalho não gosta de ser chamado de uma coisa pois é várias coisas. Muda de estado com frequência. Muda de forma. Transforma-se em outra coisa e outra e outra, uma infinidade de coisas. É feito de partes que se misturam, juntam e depois podem separar-se de novo. Está em contante mutação, devir. É sempre inacabado. Encontros, conversas, fusão e afastamento. Encontra coisas, imagens, palavras, pessoas.

O teu trabalho é uma esponja. Absorve coisas, ingere, deglute, faz a digestão e depois transforma ou expulsa para fora de ti. Antropofagia. (...)

Quem diz curiosidade diz espanto. E desejo.

Não interessa se é pintura, desenho, bordado, costura, objeto, pode ser isso tudo ou não. Contra a tentação da definição.

Contra a tentação da formulação. Contra a ideia de tradução.

É experiência.

Encontro. Impacto. Colisão. Às vezes é algo que te bate, que colide contigo, que vem ao teu encontro.

Também pode ser ritual, um conjunto de ações que repetes, repetes, que vivencias de forma intensa, corpórea, visceral. É coisa viva.

Qualquer coisa da ordem da relação.

Tudo isto são hipóteses.

9 de março

Tu transportas coisas contigo. Já quase não tens espaço para mais, mas tentas sempre. TENTAÇÃO

Por vezes, por algum motivo de força maior, o teu espaço encolhe e vais ter de selecionar coisas para te aliviares de tanto peso. O espaço até pode não encolher, mas se as coisas se acumularem deixa de existir espaço vazio, fica tudo cheio. Tem de existir sempre algum espaço vazio para poder ser ocupado. Se assim não for a capacidade de armazenar, de guardar ou de transportar, esgota-se.

PESO E ESPAÇO

O espaço não é infinito e tens de escolher. O que deitar fora. O que abandonar. O que largar no caminho. Tens de aprender a gerir o teu espaço, a relação entre vazio e cheio. Se, por alguma razão, o espaço aumentar, ainda podes tentar recuperar as coisas abandonadas, pode ser que ainda as encontres. Talvez consigas, digo eu, mas sem muitas certezas.

Se transportares muitas coisas contigo podes atrasar-te. Vais ter de andar mais devagar. Se tiveres mais espaço vazio, se fores mais leve consegues viajar melhor, ser mais veloz. Pensa bem no que queres levar contigo.

As coisas que trazes contigo são muito importantes, são imprescindíveis? São leves ou pesadas? Grandes ou pequenas? Materiais ou imateriais? Onde guardas as coisas que transportas contigo? No teu corpo ou fora dele? No seu interior ou no exterior? Tens outros espaços para guardares ou transportares coisas? Malas, caixas, casa, atelier, lugares...

O nosso planeta existe há cerca de 4,6 mil milhões de anos. Imagina as coisas que já passaram por ele. As coisas que a Terra transporta ou transportou. A vida é um pouco mais recente, 3,5 a 3,8 mil milhões de anos. Passaram por aqui tantos seres vivos diferentes, tantas vidas antes de a tua espécie existir. Os da tua espécie só ocupam a terra há uns 200 a 300 mil anos. HOMO SAPIENS

Quantos homo sapiens terão existido antes de ti? E as coisas que eles transportaram, o que é feito delas? Desapareceram ou terão chegado até ti?

Imagina a quantidade de coisas, o espaço e o peso que ocuparam ou que ainda ocupam?

Boltanski quis um dia nomear toda a gente do mundo.

E se tentasses nomear todos os seres que existiram no mundo desde o início da existência? A começar nos primeiros seres vivos, os procariontes até chegar aos nossos dias. De quanto espaço precisarias para os contabilizares? Quantas folhas de papel, quantos livros, quanta memória? O atlas de todos os seres vivos que estiveram aqui antes de nós. E se quisesses nomear e contabilizar todos os objetos e coisas que o Homo Sapiens carregou ao longo da sua existência na Terra? Caberiam todos os seres e todas as coisas na superfície da terra se as colocássemos juntas no mesmo lugar temporal, no aqui e agora?

Dilemas da existência.

10 de março

A memória é como uma raiz fasciculada que desce pelo ralo do tempo.

12 de março

Fazes longas tiras em tricot há vários anos. (...)

Ontem as peças de tricot foram apenas desenho, escultura e até performance (preferias outra palavra, talvez ativação). Blocos de cor tricotados e colocados numa parede branca, com diferentes formas e texturas. Foram retirados da parede com vagar, num ritual de cuidado e manipulação cuidada até chegarem ao chão, enrolados sobre si, criando diferentes volumes. São peças versáteis, elásticas, que podem ser esticadas, enroladas, penduradas, suspensas, torcidas, esculturas

moles e coloridas que podem formar volumes maiores ou menores, formas mais ou menos informes.

Ontem foi um dia bom. Sentiste que o trabalho tinha chegado a algum lado com essas peças que tricotas há muito tempo, de forma impulsiva e urgente, um imperativo do corpo, das mãos e da mente. Quando não tens fios para tricotar sentes quase uma carência, uma falta. (...).

(...) o tricot lembra-te conforto, casa, maternidade, anoiteceres à lareira.

É uma prática milenar, carregada de história. Como a tecelagem. Na Odisseia (de Homero), Penélope tece (mas também poderia tricotar) um sudário para o pai de Ulisses, que desmancha todas as noites, enquanto espera o regresso do marido da guerra de Troia. É uma peça que nunca tem fim, o que permite a Penélope continuar à espera do marido e não voltar a casar.

(...) Enquanto a tecelagem cria tecidos firmes, o tricot permite conceber tecidos com mais elasticidade. E isso tem muitas possibilidades, pode crescer, aumentar, diminuir, esticar, deformar-se e voltar a formar-se. Podes destruir e fazer de novo e podes fazê-lo infinitamente.

Podes combinar fios com diferentes grossuras, mais finos e mais grossos, quando misturas as diferentes grossuras de fios com as mesmas agulhas crias formas irregulares, que engordam ou emagrecem, diferentes superfícies e volumetrias. Ocupação do espaço e do tempo. Largura, altura, comprimento, profundidade. Textura. Forma e não forma, volume. Linha, mancha, ponto, interceção, superfície. Tudo matérias do desenho e da escultura.

25 de março de 2026

Andas a pensar continuamente no tricot. O teu orientador avisou-te para o perigo do trabalho se tornar uma espécie de “feirinha de tecidos”. Sabes que o tricot comporta riscos, mas queres continuar. Agora estás mais atenta às cores e às texturas, pensas nos desenhos que os fios podem produzir. Queres experimentar mais, ir mais longe com esta técnica e com as relações que podes criar com outras matérias e suportes como as tintas, o papel, as superfícies, a parede, a madeira ou o ferro.

Andas a experimentar desconstruções de tricot, criar o erro propositadamente. Deixar laçadas por fazer ou duplicar voltas, misturar fios e agulhas impróprios, desadequados. Também andas a pensar na fragilidade e força do têxtil. O tecido tricotado tem uma dupla valência que é totalmente oposta: a fragilidade do fio contrapõe-se à força do conjunto de fios. Estamos no campo do individuo e do coletivo. Experimenta realizar ações violentas com as faixas de tricot, vais ver que aguenta muita coisa.

[Já preguei tábuas por cima delas e quando as tirei o tecido estava igual. Como se nada tivesse acontecido. Já os arrastei pelo chão, já os estiquei, torci, enrolei, amassei, já coloquei pesos grandes em cima deles e nada. Continuam iguais, impávidos e serenos.]

Por isso andas a pensar em tábuas, ferros e metais. E segues com ideias mais próximas da performance ou já não? Imagina uma enorme sala de paredes

brancas, um imenso cubo grande e branco disponível para fazeres as tuas experiências com o tricot. Podes desenhar ou pintar as paredes, tapar parte dessas intervenções com as faixas tricotadas, desvendar outras partes, deixar a luz entrar pelas aberturas entre as interceções dos fios, intervir de forma mais violenta sobre os tecidos, com os teus pregos, as tuas madeiras e metais, ou apenas com ações mecânicas, montar e desmontar, desmanchar e refazer. Imagina tudo isto com luzes e som, as histórias contadas pelo contador de histórias, as histórias inventadas pelas crianças, uma banda sonora de histórias e sons a embalar a violência perpetrada contra os tecidos. Por isso andas também a pensar nas estruturas metálicas ou em madeira com a forma de cubos, cujas paredes serão feitas de frágeis faixas tricotadas, abrigos simultaneamente fortes e frágeis. Casa com paredes de tricot.

Os poetas arrogam-se o direito de recomeçar o mundo
(Herberto Helder, Apresentação do Rosto)

15 de abril

Sucedem-se sonhos e visões de peças. Obras de tricot atravessadas por ferros e espadas, papeis e tecidos sobrepostos igualmente trespassados, líquidos que saem entre os papeis e os têxteis, pedaços de madeira e metal em estranhas combinações e fusões, tiras tricotadas aprisionadas em látex, resinas ou outros materiais.

No meio destes sonhos também aparecem pessoas, próximas ou não. Continuas sempre a tricotar, mesmo que ainda não saibas para onde esses gestos de levam.

Daniela Moreno

Escrita diarística (entradas do diário AzulÁgua)

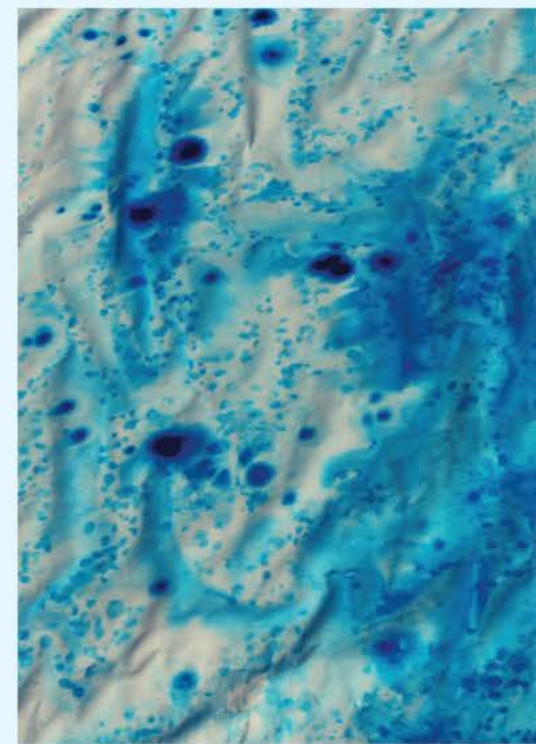
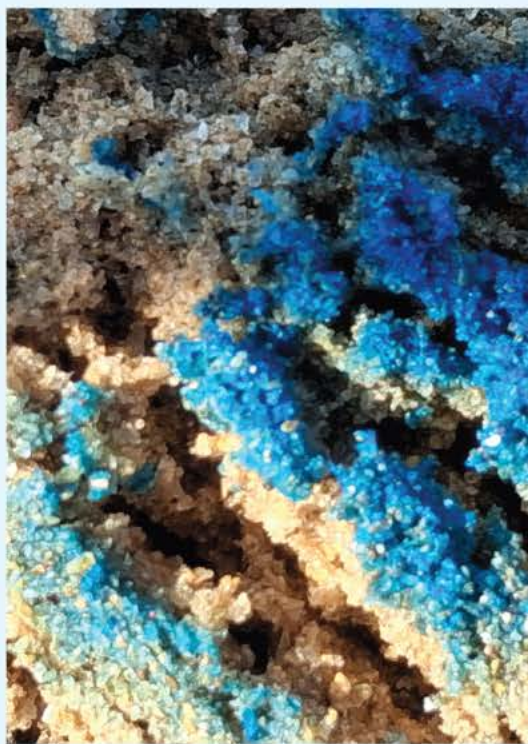
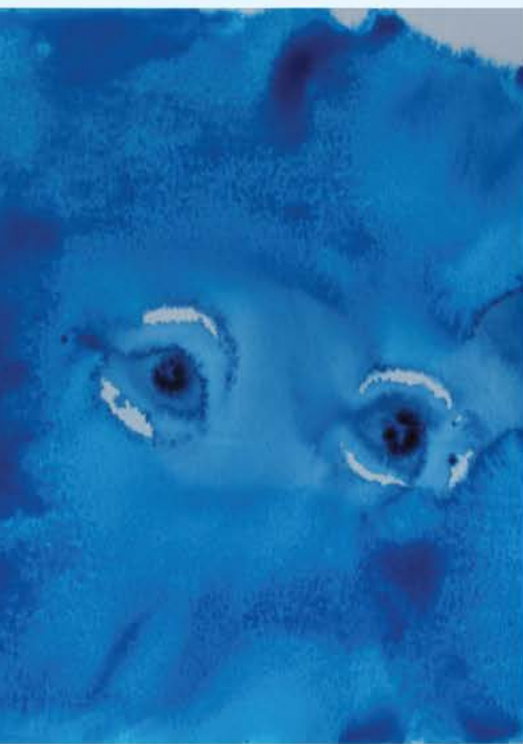
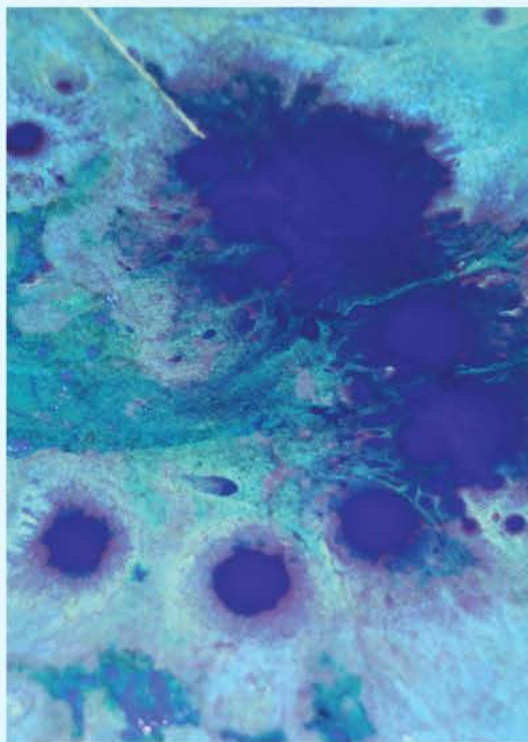
4.

Senti vontade de pintar, mas limitei-me a escrever. Percebo que, antes de tocar nos pigmentos azuis, preciso de compreender o que esse azul desperta em mim. É calma, sim, mas também uma certa distância. Como se o azul me chamasse por mim para longe, para um lugar onde tudo é mais nítido e, ao mesmo tempo, mais inatingível. A água, nesse contexto, surge como ponte: aquilo que leva e traz, que liga o corpo a esse horizonte indefinido.



5.

Fui a mar. O azul do oceano não é o mesmo azul dos tubos de tinta. É indefinido, muda a cada segundo, mistura-se com verdes, prateados, manchas escuras quase negras. Em frente à água, entendo melhor a escala das coisas: de repente, os problemas miúdos encolhem, e aquilo que é essencial vem à superfície. Sentei-me, encostei-me, deitei-me, a ouvir o som das ondas e a sentir o sol na cara, adormeci. A minha respiração em sintonia com o mar, inspira e expira. Quando fecho os olhos, o azul continua presente, não como cor, mas como sensação de amplitude. É um espaço interior que se abre, um lugar onde posso depositar cansaços e recolher silêncio. É como obter novas cargas de energia. Comecei-me a perguntar se não estaria a repetir sempre o mesmo tema: água, azul, mar, céu... Mas há medida que escrevia, apercebi-me de que é precisamente na repetição que emergem nuances. Tal como as ondas, que parecem sempre iguais e, no entanto, nunca são as mesmas.



18 19

Ana Vercesi

Lisboa, 2002

Licenciada em Artes Plásticas pela ESAD.CR (2024), onde frequenta atualmente o Mestrado na mesma área. Ao longo do seu percurso, tem vindo a participar em várias exposições coletivas. Em 2020, participou na Bienal de Arte Contemporânea Têxtil em Guimarães, a Contextile, tendo sido esta a sua primeira exposição. A expor desde esse ano, tem apresentado o seu trabalho maioritariamente em Lisboa, cidade de onde é natural, tendo também exposto no Porto, em Ponte de Lima, Torres Vedras e na Argentina. O seu trabalho constitui um percurso de pesquisa artística e reflexão teórica, onde vivências biográficas e experiências íntimas se materializam em esculturas, desenhos, fotografias, instalações e tapeçarias, explorando múltiplas plasticidades e formas de expressão. Cada peça é concebida como tradução tátil de experiências emocionais, convidando o espectador a uma leitura silenciosa e aberta à interpretação.

38 39

André B. Gil

Porto, 2003

Licenciado em Artes Plásticas na ESAD.CR (2024), frequenta o Mestrado em Artes Plásticas nesta instituição.

Em 2023 participou em *nómada*, uma exposição coletiva no Centro Cultural e de Congressos nas Caldas da Rainha; nesse mesmo ano integrou uma exposição itinerante de livros de artista no âmbito das *edições da sala 5*.

Instagram @andrebeza_g

42 43

BErTO

Vila Nova de Santo André, 2003

Licenciado em Artes Plásticas e Multimédia na Escola de Artes da Universidade de Évora (2024), encontra-se no 2.º ano do Mestrado em Artes Plásticas na ESAD.CR. O seu foco manifesta-se no desenho e no registo diarístico. Em 2026 expõe coletivamente no Centro de Interpretação e Promoção do Vinho Verde, em Ponte de Lima, no âmbito do projeto Art in Lima. Em 2025 exerceu função de docente do 2.º e 3.º Ciclos, onde lecionou as disciplinas de Artes Visuais e Educação Tecnológica, no Agrupamento de escolas do Cartaxo. Ainda no decorrer desse ano, participou em *open calls* e outros projetos, como a execução de desenhos e produção na agenda Cultural Esplanar; dois desenhos foram selecionados no contexto de Um peludo postal, Caldas da Rainha, concurso promovido pela Rede Leonardo. Em 2025 publicou um desenho e um texto na 3.ª edição PEZINE, Barreiro. Entre 2024 e 2023 expôs coletivamente em Cerca de S. Paulo, Portel, na SHE - Sociedade Harmonia Eborense e Bota Rasa, Évora. Foi um dos organizadores do projeto ELIA Academy 2023: Exploring Situatedness.

Instagram @_portfolioaberto_

20 21

Catarina da Silva

Viana do Castelo, 2001

Licenciou-se em Artes Plásticas – Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, paralelamente fez Erasmus + na Willem de Kooning Academy em Roterdão, Holanda. Atualmente frequenta o segundo ano do Mestrado em Artes Plásticas na ESAD.CR. Desde 2019 integra exposições Coletivas,

com especial destaque para *De Pé, Pé ante Pé*, em 2023, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde expôs *Palavra Apagada*. Em 2023 expôs individualmente no espaço Entre, apresentando *Filtro o Ser até que se torne Paisagem* (2022), no Porto. Dinamiza workshops de cerâmica focados na criação de corpos ressonantes, como uma extensão da sua prática artística.

Instagram @catarina__dasilva

02 03

Daniel S. Costa

Viseu, 2002

Licenciado em Artes Plásticas na ESAD.CR (2024), finalista no Mestrado em Artes Plásticas na mesma instituição. Em 2023 participou na exposição coletiva *Vir a Lume*, Caldas da Rainha. Entre 2024 e 2026 participou na 12.ª edição da Sementeira, em Viseu, entre outras exposições coletivas. Entre 2022 e 2023, iniciou um grupo de TTRPG online, na rede social Discord, sendo o narrador de diversas campanhas, algumas delas com vários anos de duração.

danielcostania2@gmail.com

64 65

Daniela Moreno

Sertão, 2000

Licenciada em Artes plásticas na Escola Superior de Educação de Bragança (2024), e finalista do Mestrado em Artes Plásticas na ESAD.CR. Participou em diversas exposições coletivas, entre as quais Mascararte, Centro Cultural Adriano Moreira e na X Bienal da Máscara, em 2021; *Metamorfose* – Implicarte, Centro Cultural Adriano Moreira, em 2022;

Mascararte, XI Bienal da Máscara, 2023; e, VULNUS SANATIO apresentado durante o Caldas Late Night, em 2026. Destacam-se as exposições a solo, *Vila de Rei* na Biblioteca Municipal de Vila de Rei, 2023; *O Ouro da Alma* na ESEB – Implicarte, 2024. Em 2026 apresenta *Descontrolo* no âmbito do Caldas Late Night e, Na Prateleira, no Museu dos Terceiros, em Ponte de Lima.

Instagram @_belartista/

30 31

Diana Rodrigues

Viseu, 2003

É licenciada em Artes Plásticas na ESAD.CR (2024) e neste momento conclui o Mestrado em Artes Plásticas na mesma instituição. Participou em várias Exposições Coletivas como por exemplo a IX Exposição Coletiva de Obra Gráfica- Gravura e Serigrafia, no Centro de Artes Atelier-Museu António Duarte nas Caldas da Rainha, e a VEM-Exposição de Finalistas da Licenciatura em Artes Plásticas, no CCC - Centro Cultural e Congressos das Caldas da Rainha, ambas em 2024.

Em 2025, participou em *Desiderium, Ensaios sobre a Sensorialidade e Memória* ESAD.CR-IPL, na Lavandaria do Museu do Hospital nas Caldas da Rainha, e mais tarde na Exposição de Artes Plásticas, com o Coletivo Recreio, no âmbito do Caldas Film Fest.

36 37

Luna

Arrentela, Pinhal de Frades, 1998

Artista plástica e escritora portuguesa, vive e trabalha entre Caldas da Rainha e a Margem Sul do Tejo. Frequenta atualmente o

Mestrado em Artes Plásticas na ESAD.CR, após ter concluído a Licenciatura em Maquiagem e Cabelo para Media, na University College Birmingham, no Reino Unido, e o 12.º ano em Comunicação Audiovisual, com especialização em fotografia, na Escola Artística António Arroio, em Lisboa.

A sua prática desenvolve-se entre pintura, fotografia e escrita, frequentemente entendidas como extensão de um diário íntimo, em que memória, corpo e paisagem se entrelaçam. Participou em diversas exposições coletivas, destacando-se em 2025, *Drive in Art*, no Seixal, onde apresentou a pintura *Fantasma*s. Bem como as exposições fotográficas *O que a natureza faz* no CASM – Miratejo Cultural das Artes Plásticas, *A secreta vida das palavras*, no Oeiras Parque; *Transição Justa em Foco*, na Universidade de Évora; e *Momentos*, também no CASM.

Paralelamente à produção plástica, desenvolve trabalho autoral em poesia, tendo publicado *Maybe Writing Oceans, I'll Float* (Poesia Impossível e Atlantic Books, 2025) e o poema *Myself*, acompanhado por uma ilustração sua, na revista *Little Living Room* (issue 7, 2023). O cruzamento entre texto poético, imagem e experimentação material é central no seu percurso, aproximando investigação teórico-prática, vulnerabilidade e atenção às formas como o efémero se fixa em vestígio.



Madalena Aguiar

Ponta Delgada, 2002

Licenciada em Artes Visuais pela Universidade do Minho, frequenta atualmente o Mestrado em Artes Plásticas na ESAD.CR.

Participou nas exposições coletivas *É tudo diferente*, GNRation (2024); *Andamos bastante cansados e pensar custa imenso*, com a curadoria

Paralaxe, CIAJG (2023); e *NÃO TEARRASTO PARA O MEU RIO*, na Escola de Arquitetura, Arte e Design (2022).

A sua prática artística nasce de uma relação próxima com o mundo rural e o corpo animal. Trabalha frequentemente com materiais orgânicos e com elementos associados ao industrial. Entre memória e a matéria, o trabalho procura deslocar o olhar, questionando o reconhecimento de objetos rurais e a relação entre experiência vivida e percepção.



Maria Inês Lourenço

Mafra, 2001

Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Lusófona (2024), finalista do Mestrado em Artes Plásticas pela ESAD.CR. Expõe coletivamente desde 2019, tendo realizado a sua primeira exposição individual, *Gênese*, em 2023. Participou na residência artística Skynet na Chamusca (2024) e tem colaborado em projetos internacionais como Erasmus+ PandemiART (2023), na Turquia, e CrAft Your Urban Experience (2023), em Évora.

www.mariaineslourenco.com

maria_ines.lourenco__



Mariana V. Silva

Lisboa, 2003

Licenciada em Artes Plásticas pela ESAD.CR (2024), finalista do Mestrado em Artes Plásticas nesta instituição. Participa em exposições coletivas desde 2023. Destacam-se o Concurso Aveiro Jovem Criador, 21.ª Edição, Museu de Aveiro; em 2024, *livro de artista e edição*

independente, na Galeria Nacional Mariano Moreno, Argentina; *Obra gráfica Gravura e serigrafia, IX exposição coletiva*, no Centro de Artes, Atelier-Museu António Duarte, nas Caldas da Rainha; *Vem*, no Centro Cultural e de Congressos Caldas da Rainha; e em 2025, no Caldas Late Night 28, *TRAVA II*.



Marta Basílio Pereira

Campo Grande, 2003

Licenciada em Artes Visuais pela Universidade do Algarve e finalista do Mestrado em Artes Plásticas na ESAD.CR. Vive e trabalha na Figueira da Foz. Em 2024 integrou a exposição coletiva *Amálgama*, no Convento de Santo António, em Loulé. Em 2019 participou na Residência Artística de Produção Criativa Plástica, em Torres Vedras, apresentando posteriormente trabalho na exposição coletiva *Interstício*, na Paços – Galeria Municipal de Torres Vedras.

A sua prática artística articula escultura, vídeo, fotografia, desenho e escrita, centrando-se nas relações entre corpo, impulso e resistência. A presença animal surge como gesto, rasto ou projeção de um campo instintivo, operando como um dispositivo de aproximação a estados interiores não domesticados. A imagem e o texto funcionam como extensões do processo escultórico, contribuindo para um vocabulário fragmentado e em tensão. O seu trabalho explora a relação entre o humano e a sua dimensão animal e errante, propondo um território onde matéria, gesto e linguagem se confrontam com um vazio simultaneamente existencial e fértil.



Neuza da Silva Matias

Ourém, 2002

Licenciou-se em Pintura pela UAL e Camberwell College of Arts, em 2023; atualmente frequenta o Mestrado de Artes Plásticas na ESAD.CR.

O seu trabalho tem sido exposto em Portugal e no estrangeiro, como no Banco das Artes (2025, Leiria), A Irmã Feia (2025, Lisboa), Plato (2023, Évora), Southwark Park Galleries (2023, London), ATP Gallery (2022, Londres), entre outros locais.

Em 2023 realizou uma residência no CórTEX Frontal, Arraiolos, como artista convidada e, recentemente, em 2025, no Festival A Porta, em conjunto com Alexandra Cuecas e Carlos Roxo. Em 2025 fez duas exposições individuais, *Tempo de Manteiga* (Galeria Flyer) e *Hora do Recreio* (BAG).



Pedro Filipe Nunes

Aguilva-Cacém, 1999

Licenciado em Artes Plásticas pela ESAD.CR (2023), finalista do Mestrado em Artes Plásticas na mesma instituição. Atualmente reside em Paris, França, onde se encontra a terminar o Mestrado através do programa ERASMUS.

Expõe desde 2020, começando com a exposição coletiva *Lugar do Engenho*. Organizou e colaborou nas exposições coletivas *Red House* (2022) e *Do Olho da Rua* (2023). Foi convidado para participar nas exposições *Grave 2* (2023) e *Grave 4* (2025), e *CLNWTF* (2025). Em Dezembro de 2025 teve a sua primeira exposição a solo na galeria Grupius chamada *Homens Mortos Não Criam Obras*.

www.pedrofilipenunes.com

@pedro.filipe.nunes



R Tavares

Porto, 2003

Licenciada em Design pela Universidade de Aveiro (2024), finalista do Mestrado em Artes Plásticas na ESAD.CR.

Em 2026, integrou a residência artística O Círculo, em Cernache, Coimbra. Na sequência da residência expôs as obras *BA(R)BA* e *The Islands of Earthly Delights* na Estufa Tropical do Jardim Botânico, da Universidade de Coimbra.

Ainda em 2026, a sua curta-metragem *La Luz que te Abraza Cuando te Miro*, foi exibida no Showcase do CineClub das Caldas da Rainha. Em 2025 integrou a exposição organizada pelo Coletivo Recreio, com a peça escultórica *Subtrato*, no âmbito do Caldas Film Fest. Também em 2025, participou no Projeto de Youth Exchange - Orgulho de Pueblo, Rural Pride, em Obon, Espanha.

@seravatatir



Rafaela Lopes Costa

Caldas da Rainha, 2003

Licenciada em Artes Plásticas e Multimédia na Universidade de Évora, frequenta o segundo ano do Mestrado em Artes Plásticas na ESAD.CR, iniciado em 2024.

Participou em exposições coletivas, tais como a Exposição Coletiva Palácio D. Manuel, no Palácio D. Manuel, Évora, 2023; Artes Visuais em Portel, Cerca de São Paulo, Portel, 2023; Corpo em Linha, Sociedade Bota Rasa, Évora, 2023. Em 2023 também esteve envolvida no Festival Jovem Contra Corrente em Montemor-o-Novo.

Em 2023, integrou a performance *Where are we? Performing the city, slowing down time*, de Beatriz Cantinho e Susana Mendes Silva,

e *Açorda 4All* Performance, uma criação colaborativa. Em 2024 fez parte da exposição *Acerto*, exposição coletiva dos alunos finalistas do Curso de Artes Plásticas e Multimédia da Universidade de Évora, Évora. Em 2024 criou em parceria com outros artistas, a comitiva ArtJump, que tem como propósito criar mais momentos e espaços onde artistas do país se encontram para celebrar e divulgar a sua arte.



Samuel Zurrapa

Albufeira, 2003

Licenciado em Som e Imagem na ESAD.CR (2024), finalista do Mestrado de Artes Plásticas nesta instituição. Em 2023 participou na organização e expôs no *Connect Fest*; em 2024 participou na exposição *Artist's Tale*. Em 2025 foi um dos membros fundadores do grupo Eventocr e é, atualmente, membro do grupo Expand, que visa dinamizar a cultura nas Caldas da Rainha.

@zurrapa.jpg



Sara Dionísio

Almada, 1968

Licenciada em Sociologia e formação em Dança Criativa e Contemporânea, trabalhou nestas áreas entre 1993 e 2000. Nesse ano mudou-se para a região do Dão e fundou o projeto de produção de vinhos biológicos e biodinâmicos CASA de MOURAZ. Em 2021 iniciou a sua formação em Artes Plásticas na ESAD.CR. Neste momento está a terminar o mestrado. O seu trabalho tem-se focado sobretudo nos domínios da pintura, escultura e instalação, uma pesquisa em torno das potencialidades dos materiais e suportes.

Uma prática alicerçada no fazer, na fisicalidade, no ritmo e na improvisação. A memória do gesto e do movimento, o lastro, o corpo e o tempo são temas estruturantes, assim como a ideia de fluidez e transitoriedade. No seu processo de trabalho tenta privilegiar materiais e suportes reaproveitados (telas,

tintas, tecidos, fios). Ultimamente tem trabalhado a partir de matérias têxteis, nomeadamente fios de algodão, de linho e tecidos variados, utilizando técnicas como o tricot, a tecelagem ou a colagem, criando peças onde a ideia de forma está em constante mutação e metamorfose.

ENTRE OS PINGOS DA CHUVA

Exposição no CCC Caldas da Rainha

9 de Julho – 30 de Agosto 2026

Exposição Fundação D. Luís I, Cascais

5 de Setembro – 1 de Novembro 2026

Artistas participantes

Ana Vercesi, André Gil, BErTO, Catarina da Silva, Daniel S. Costa, Daniela Moreno, Diana Rodrigues, Luna, Madalena Aguiar, Maria Inês Lourenço, Mariana Silva, Marta Basílio Pereira, Neuza da Silva Matias, Pedro Filipe Nunes, R Tavares, Rafaela Costa, Samuel Zurrapa e Sara Dionisio.

Agradecimentos

Mário Branquinho e a equipa técnica e de montagem do Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha; Salvato Teles de Menezes e a equipa técnica e de montagem da Fundação D. Luís I | Centro Cultural de Cascais; Gabinete de comunicação e organização de eventos da ESAD.CR, e aos.às estudantes que integram esta exposição.

Organização e curadoria

Ana Anacleto, Ana João Romana e Isabel Baraona

Coordenação editorial da publicação

Isabel Baraona

Paginação

Rosa Quitério

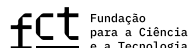
Depósito legal

00000

Esta publicação foi apoiada pelo LiDA – Laboratório de investigação em Design e Arte, e foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/05468/2025.



ESCOLA SUPERIOR
DE ARTES E DESIGN



FUNDAÇÃO
D. LUÍS



ENTRE OS PINGOS DA CHUVA

**Exposição de finalistas
do Mestrado em Artes
Plásticas da ESAD.CR**

O título para a exposição de estudantes finalistas do Mestrado em Artes Plásticas nasceu numa assembleia onde todos apresentaram as suas propostas, este título literalmente pingou do tecto. *Entre os pingos da chuva* é uma metáfora sobre a condição de quem atravessa o fim de um ciclo de estudos – um estado de suspensão, de tentativa constante de não se molhar, seja na escrita da dissertação, seja pela consciência de que o que vem depois por vezes é nebuloso.

Mas não podemos ignorar a outra camada deste título – a sua fidelidade às condições dos ateliers na ESAD.CR. Trabalhar entre os pingos da chuva não é apenas uma imagem poética é também colocar baldes em pontos estratégicos das salas, posicionar desenhos fora da zona de risco, desviar fios eléctricos de pequenas cascatas. Como se existisse um currículo oculto no mestrado.

Assim esta exposição nasce de obras produzidas num contexto onde criatividade e meteorologia colaboram. O conjunto de trabalhos revelam que fazer arte e concluir um mestrado é um exercício contínuo de precisão instável, um gesto de avançar com cuidado entre gotas, na esperança que no fim faça sentido... e que não fique tudo encharcado.

ANA JOÃO ROMANA

Coordenadora do Mestrado em Artes Plásticas